

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

BEATRIZ BERR ELIAS

ENTRECruzAMENTO DE TRAJETÓRIAS: AUTOBIOGRAFIAS DE MARIA FIRMINA DOS REIS E NÍSIA FLORESTA COMO ANCORAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.

Porto Alegre
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

BEATRIZ BERR ELIAS

ENTRECRUZAMENTO DE TRAJETÓRIAS: AUTOBIOGRAFIAS DE MARIA
FIRMINA DOS REIS E NÍSIA FLORESTA COMO ANCORAGEM PARA O ENSINO
DE HISTÓRIA

Dissertação de Mestrado - Pós-
Graduação em Educação da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Orientadora: Dra. Edla Eggert

Linha de Pesquisa: Teorias e Culturas em
Educação
Bolsa CNPq/Edital 25/2020

PORTO ALEGRE

2024

Ficha Catalográfica

E42e Elias, Beatriz Berr

Entrecruzamento de trajetórias : autobiografias de Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta como ancoragem para o ensino de história / Beatriz Berr Elias. – 2024.

94.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Edla Eggert.

1. Maria Firmina dos Reis. 2. Nisia Floresta. 3. Ensino de História Inclusivo. 4. Ancoragem. 5. Hermenêutica Feminista. I. Eggert, Edla. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

Dedico esse texto para as pessoas que se indignam, lutam, sonham e se encantam na mesma frequência que movem-se pelo desejo de transformar a realidade.

AGRADECIMENTOS ENTRELAÇADOS

Este texto é um anúncio de que nada se produz sozinho; tudo gesta-se no coletivo. As diversas presenças que compõem esta dissertação tornam-na um produto coletivo. São presenças de pessoas que foram âncoras e inspirações, assim como as presenças evocadas pela memória através de abraços, colos, palavras, amores, dores e trocas, as quais transformaram meus sentimentos em combustível para a escrita.

Esta escrita é um convite às memórias que foram âncoras e inspiração para escrever e transformar as palavras em pesquisa. Por isso, inicio agradecendo pela possibilidade que tive de converter dores, silêncios e violências em palavras de anúncio, esperança e luta.

Agradeço ao meu pai, João Elias por me ensinar o amor pelas palavras, aquelas que se configuram em mundos de significados. Por ter me dado os primeiros livros e por lê-los comigo enquanto me ensinava a sonhar. Meu pai ensinou que a palavra pode ser ternura, que a vida sempre guarda um espaço para sonhar.

Agradeço à minha mãe, Claudia Berr que me ensinou a dar significado às palavras, a enxergá-las para além do escrito, mas no sentir. A palavra se transformou em itinerário de vida quando ela me foi apresentada através da escrita da minha mãe. Este texto existe porque entendi que através dele era possível sonhar com outros mundos possíveis para nós, mulheres. Agradeço à minha mãe, assim como à minha bisavó, por todas as rodas de orações, benzeduras e mandingas que me protegem e guiam no caminhar. Minha mãe sempre diz que não existe nada mais forte do que a reza de mãe, e sinto que a cada passo fui inundada por uma coragem tão profunda que a única explicação é a força dessa proteção.

Ao meu companheiro, Luis dos Santos que é o meu coração e casa, agradeço por cada escuta, palavra, abraço e incentivo. Fazer essa jornada ao seu lado possibilitou que o caminho fosse encantador, apesar dos sustos e medos; tua presença sempre me incentivou a ser coragem. Teu amor me inspirou a pensar e sentir, a acreditar que a vida pode criar lugares bonitos, serenos e propícios para crescer, voar alto e encontrar (re)posso.

A minha irmã, Fernanda Berr que sempre será a minha inspiração. Agradeço por cada impulso de coragem, por cada combustível de vida que me deu. Agradeço por ter me ensinado que a dor, o medo e o silêncio podem se transformar em vida, movimento e coragem. Agradeço por pegar na minha mão e não me deixar para trás. Foi possível atravessar este caminho tão distante porque eu sabia que quando eu retornasse, teria minha irmã me esperando.

Ao meu irmão, Vitor Berr, que agradeço por cada vez que foi refúgio, casa e retorno seguro em momentos que parecia que a vida não compunha espaço para respiro.

Ao meu irmão, Gael Berr, que me mostrou que eu poderia sentir níveis de amor imensuráveis. Agradeço por cada vez que você me fez rir, por todas as aventuras nossas e por ser o ser humano mais gentil que existe.

À minha professora e inspiração, Eliana Silveira, que me enxergou na graduação em História e me fez enxergar a mim mesma. Agradeço por cada aula, letra, livro, palavra. Eu vejo um mundo novo, historicizado, depois de ter tido a honra de ser sua aluna.

À minha querida e primeira orientadora, professora Mônica Karawejczyk, que me apresentou o amor pela pesquisa. Agradeço por termos cruzado este caminho juntas e por ter sido orientada por alguém com tanto amor pela pesquisa. A professora Mônica me deu a possibilidade de enxergar que havia espaço para pesquisar sobre mulheres e transformar a realidade por meio da pesquisa.

À minha querida orientadora de mestrado, professora Edla Eggert, que traduz todas as minhas inspirações sendo quem é. Que me enxergou em todas as minhas partes: educanda, educadora, pesquisadora, sonhadora. Cada palavra escrita nesta dissertação só foi possível porque tive a escuta e o olhar atento, potente e afetivo dela. Agradeço por ter me encorajado a ser, escrever e acreditar no potencial desta escrita.

A todas as minhas amigas e amigos, parceiros desta jornada, que me inspiraram a seguir lutando e não esquecer quem eu sou e os caminhos que me formaram.

À Brendha San Martins, Betina Gamalho da Rocha e Julia Machado Petry, minhas amigas e testemunhas das angústias e alegrias que vivi neste caminho, agradeço a vocês pelos cafés, consolos, abraços e palavras tão bonitas que foram afagos e alívio nos dias de angústia.

Aos meus amigos Richard Silva e Ricardo Becker, que me acompanham nesta jornada desde que os sonhos de transformação estavam germinando em mim. Agradeço a vocês por nunca me deixarem esquecer quem eu sou e por estarem sempre me levantando ou aplaudindo as minhas vitórias.

Aos meus amigos que a educação me presenteou, Isabelle Bertacco, Henrique Vargas, agradeço a vocês por terem sido companhias de coragem neste trajeto. Por me inspirarem a acreditar numa sala de aula transformadora.

Às minhas companheiras e colegas de pesquisa que fazem parte do Grupo de Pesquisa de Gênero e Trabalho Artesanal, agradeço pelos encontros, carinhos, trocas epistêmicas, afetivas e existenciais que foram alívio e sustento nesta trajetória pela pesquisa. Agradeço por me inspirarem coragem para pesquisar com bravura e afeto nos campos da educação popular e feminista, direcionando nossas vidas e profissões para uma transformação social que enfrente o patriarcado, o racismo estrutural e a profunda desigualdade educacional.

A todas(os) as professoras(es) que me ancoraram e inspiraram meus passos até aqui. À professora Camila Cunha, que plantou aqui a semente da transformação e o amor pela docência. Ao professor Luís Carlos Martins, que me inspirou a amar a história e a enxergá-la como instrumento para transformação social. À professora Beatriz Gershenson, que me inspirou a pensar na educação pelos direitos humanos e perceber a potência dos debates em educação. Às professoras Fernanda Bittencourt e Maricel Mena Lopez, que me deram a honra de ter meu texto lido pelos seus olhares

atentos e foram potência na escrita dessa dissertação.

Agradeço profundamente ao professor José Humberto Martins, fundador do Projeto Educacional Alternativa Cidadã, que foi um farol no meu caminho e por meio desse projeto foi possível acessar a universidade.

Agradecer àquelas(es) que são os focos desse investigar: as educandas e educandos que tive a honra de ser professora nessa caminhada. Foi no encontro docente que conheci uma das maiores forças - aquelas que me convocam à ação. bell hooks, em sua obra "Tudo sobre Amor", descreve o amor como elemento que se manifesta quando age - o amor é ação. Conheci um amor tão profundo quando pisei na sala de aula pela primeira vez, que fui transformada e convocada a transformar. Agradeço a cada educanda(o) que me presenteou com a força do esperar, do sonhar e me motivou a transformar minhas palavras em movimentos de transformação por uma educação plural, significativa e nutrida pelo amor. Emicida escreve na música "Principia" sobre o amor como a semente da transformação: enquanto houver amor, é possível mudar o curso da vida. Agradeço a vocês, meus educandos, por terem me ensinado a amar como verbo, na ação, na transformação.

Frente a uma constelação de amores, companheiros na jornada da vida e na batalha, expressar esses agradecimentos é criar um cenário onde as memórias se entrelaçam. Parafraseando as palavras sábias de Eduardo Galeano, somos uma tecitura de memórias.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Agradeço a essa Agência de fomento, pelo apoio e incentivo à pesquisa. Produzir pesquisa com apoio de investimento financeiro é fundamental na qualificação de pesquisas que fortaleçam a educação brasileira. Esses incentivos à educação me fazem acreditar na potência do fortalecimento da ciência como semente de transformação social para uma educação pública, gratuita e com um corpo docente qualificado e dedicado a transformar conhecimento acadêmico em potências pedagógicas.

Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos (Evaristo, 2007, p. 2).

RESUMO

Essa dissertação apresenta um percurso autobiográfico com estudos hermenêutico feministas em obras de Nísia Floresta, *“Itinerário de uma viagem à Alemanha”* (1857), e de Maria Firmina dos Reis, *“Álbum”* (1853 – 1901). A questão de pesquisa busca entender como a escrita autobiográfica das duas autoras pode ancorar a articulação consciente desse tipo de conhecimento para um ensino de História emancipatório? Os estudos autobiográficos promoveram uma reflexão sobre a categoria de ancoragem como elemento proponente para um ensino de História mais inclusivo. As autorias femininas estudadas possibilitaram uma reflexão sobre a democratização das obras de mulheres que chegam (ou não chegam) para estudos nas salas de aula.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; Nisia Floresta; Ensino de História Inclusivo, Ancoragem; Hermenêutica Feminista.

ABSTRACT

In this master's research, an autobiographical journey of the author with feminist hermeneutical studies in the works of Nísia Floresta, "Itinerary of a Journey to Germany" (1857), and Maria Firmina dos Reis, "Album" (1853 - 1901), is presented. The research question seeks to understand how the autobiographical writing of these two authors can serve as a conscious anchor for this type of knowledge in the context of emancipatory History education. These two autobiographical texts prompted a reflection on the concept of anchoring as a driving force for a more inclusive History education. The female authorship of the studied authors and the master's student also enabled a reflection on the democratization of women's works that make their way (or don't make their way) into the classroom for study.

Keywords: Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta, inclusive history education, anchoring.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2. Exercício autobiográfico entrecruzado	21
2.2 As leituras provocadoras na pele de estudante	24
2.3 As leituras provocadoras na carne de professora	33
2.4 Contextos da pesquisa	38
2.5 A atualidade dessa pesquisa nos últimos anos no Brasil.....	42
3 OS DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS	46
3.1 Os estudos autobiográficos e seus desdobramentos	48
3.2 A pesquisa autobiográfica e a autoatualização de bell hooks	49
3.3 As contribuições da história oral no intercruzamento das teorias feministas.....	51
3.4 Feminismos decoloniais desencadeadores de outros diálogos pedagógicos	53
3.5 A categoria de ancoragem.....	56
3.6 A hermenêutica feminista	57
3.7 Hermenêutica feminista e a ancoragem no debate teórico-conceitual	58
4 ANCORAGEM DO DEBATE TEÓRICO COM O ENSINO EMANCIPADOR DE HISTÓRIA.....	61
4.1 A ancoragem do conhecimento histórico do tempo de Nísia e de Maria Firmina.....	62
4.2 Nísia Floresta, "Itinerário de uma viagem à Alemanha" (1857).....	63
4.3 Maria Firmina Dos Reis partes do diário dela intitulado, "Álbum" (1853–1901)	67
4.4 Ancoragem autorreferenciada dos textos delas para o ensino de história.	72
4.5 Potências de aprender com as mulheres do passado	79
5 CONCLUSÕES ENTRECruzADAS.....	77
REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

Essa escrita nasce como reinvenção, para mim e para você que enxerga muito no mundo, mas pouco se enxerga na academia, nos livros, nas teorias. Foi como demarcar uma travessia para uma escrita desenvergonhada, escancarada. Para você que conheceu a escrita por meio de uma experiência de vergonha e esquecimento proponho uma experiência de produzir a escrita que anuncie: sentimento, construção de novas vias e se traduza em uma escrita movimento. Glória Anzáldua discorre a potência de reconhecer a própria voz na superação de silêncios:

Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio. (ANZALDUA, 2009, p. 312)

Essa dissertação versa uma aposta de superar tais tradições de silêncio por meio do entrelaçar das escritas femininas enxergando suas possibilidades de emancipação por meio do ensino de história. São páginas escritas a partir de uma experiência que conecta minha escrita com a de autoras e, sobretudo, ancorada na escrita autobiográfica de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis. Assim como o Álbum de Maria Firmina dos Reis, que é apontado pela autora como uma escrita “d’alma, escrita ora com sangue, outra hora com lágrimas. Amor ou desesperança – saudade, ou dor (Reis apud Moraes Filho, 1975, n.p.) esse texto comporta o sentir como via de produção epistemológica.

Assim, essa pesquisa nasceu como fruto de uma série de inquietações que desembocam no processo autobiográfico e feminista como via investigativa. Dessa forma, tenho como principal inquietação a seguinte interrogativa: Como a escrita autobiográfica de Nísia Floresta, no *“itinerário de uma viagem à Alemanha”* (1857) e de Maria Firmina dos Reis, no texto *“Álbum”* (1853 – 1901,) pode ancorar a articulação consciente dessa modalidade do conhecimento para o ensino de História emancipatório?

O desafio de pensar narrativas que sejam fundamentadas nas vivências de mulheres, nos seus saberes e na sua experiência ainda carecem de mais pesquisas e análises. Por isso, essa pesquisa também versa sobre alguns exercícios hermenêuticos de suspeita: como perceber autoria das mulheres se elas foram proibidas de escrever por séculos? Como nomear as autoras se uma enormidade delas assinavam com o sobrenome de seus maridos e pais?

A partir dessas inquirições, o objetivo foi analisar os escritos de Nísia Floresta, “Itinerário de uma viagem à Alemanha” (1857) e Maria Firmina dos Reis, “Álbum” (1853 – 1901) como ancoragem consciente desses conhecimentos para um ensino de história emancipatório. Além desse objetivo geral elenco os específicos que foram importantes na construção do meu itinerário: investigar o exercício autobiográfico como potencialidade de produção autoral; analisar os estudos autobiográficos e seus desdobramentos na dissertação de pesquisa, enfocando a abordagem autobiográfica como ferramenta de autoatualização; e, debater a categoria de ancoragem como desencadeador de aspectos teórico-metodológicos para o ensino de história emancipadora.

As inquirições e objetivos dessa dissertação me levaram a refletir sobre a construção socio-histórica do apagamento epistêmico da história das mulheres. A estrutura de apagamento foi melindrosamente construída e, portanto, apresenta uma complexidade nas suas expressões. Dito isto, a proposição que faço nessa escrita é: pensar a produção autoral de mulheres através do mundo delas, das suas expressões, das brechas epistemológicas que elas encontraram para produzir apesar da estrutura patriarcal.

Apesar do bom fluxo e da amplitude de pesquisas, ainda precisamos alcançar, enquanto campo de pesquisas feministas, importantes frentes de estudos. Pesquisadoras têm apresentado investigações com diários e a escrita autobiográfica que tornam-se aliadas na produção de conhecimento do mundo privado tornado político. Michael Pollak (1989) sinaliza que é justamente nessa vinculação com o privado que torna-se viável encontrar memórias proibidas e clandestinas. A criação de uma consciência feminista passa pela produção autorreferencial teórica das mulheres. Nós não podemos entender o mundo delas (o nosso) a partir de ferramentas epistemológicas produzidas para um mundo de homens. Nesse argumento, Audre Lorde (2019, p. 138) convoca e ensina a refletir sobre os usos de tais ferramentas epistemológicas:

O que significa quando as ferramentas de um patriarcado racista são usadas para examinar os frutos do mesmo patriarcado? Significa que apenas os perímetros mais estreitos de mudança são possíveis e admissíveis. [...] as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre. Elas podem nos permitir temporariamente a ganhá-lo em seu jogo, mas elas nunca vão nos possibilitar a causar mudança genuína. E este fato é somente ameaçador àquelas mulheres que ainda definem a casa do mestre como a única fonte de apoio delas.

Nesse sentido é que a provocação dos estudos feministas realinha a ótica de mirar para o que está para além do visível. Olhar para o privado como político, sinalizar o manual e o artesanal, como as expressões da presença feminina na história. Dessa forma, sinaliza-se que:

Homens e mulheres vivem em um palco no qual desempenham seus papéis designados, ambos de igual importância. A peça não pode prosseguir sem os dois tipos de atores. Nenhum deles “contribui” mais ou menos para o conjunto; nenhum é secundário nem dispensável. Mas o cenário é concebido, pintado e definido por homens. Homens escreveram a peça, dirigiram o espetáculo, interpretaram os significados da ação. Eles se auto escalaram para os papéis mais interessantes e heroicos, deixando para as mulheres os papéis de coadjuvante. Conforme as mulheres tomam consciência da diferença na forma como se encaixam na peça, pedem mais igualdade na distribuição de papéis (Lerner, 2019, p. 35).

Lerner convoca a uma ação reflexiva sobre a necessidade de pensarmos em novas peças, dirigidas e articuladas por mulheres. Assim os papéis das mulheres tornam-se relevantes e significativos. Isso porque é inviável que se resgate protagonismos de mulheres históricas se nossa ferramenta de busca está relacionada ao mundo dos homens.

Desses tensionamentos nasceu a inquietação de pesquisa e os objetivos propostos que se vinculam a uma iniciativa de recordar historicamente as autorias femininas e ilustram o esforço por uma produção que parta do universo epistemológico de mulheres e, por isso, a imersão no trabalho com autobiografias.

Assim, essas linhas que se circunscrevem aqui são palavras que buscam encontrar no curso histórico um arcabouço teórico para difundir protagonismos de mulheres na História. Faço dessa pesquisa uma espécie de cartografia histórica onde busco evidenciar identidades femininas exemplares, a fim de produzir na sala de aula um sentimento de representatividade e encontro.

Nesse percurso experimentei um processo de renascimento de mim – enquanto autora, pesquisadora, professora, mulher. Me desafiei a imergir em uma pesquisa que fosse carregada de vozes. Para escrever precisei ouvir e lembrar que cada parte de mim carregava memórias de mulheres que contam – contam o mundo. Carregam as histórias das famílias, dos dias, das festas, dos sonhos. Conectei-me com as letras, textos e diários da minha mãe, que nessa dissertação se torna um dos meus arquivos feministas. Esse texto é escrito para mim e para você que entende a escrita como antídoto ao esquecimento, que carrega a escrita como memória viva, e, através dela produz contação – de histórias, de vidas, de mulheres.

Nisia Floresta em seu itinerário (1857) discorre nas primeiras páginas dessa obra sobre a experiência de dor e tristeza que a inundava pela proximidade do aniversário de morte de sua mãe. Nessa escrita ela afirma que está imergindo em uma viagem:

Era-me necessário percorrer novos países, neles haurir novas impressões, sob um novo horizonte [...] Contemplando essas cenas variadas das paisagens que percorria, esforçava-me por **mergulhar o espírito no seu passado histórico**, a fim de desviar a tristeza que me roía mais vivamente o coração, nesse 25 de agosto (Floresta, 1857, p. 41, grifo nosso).

Viajar para Nisia foi um mergulho. A escrita autobiográfica se traduziu nesse momento como uma transposição desse sentir em texto. Contar sua experiência de dor, perda e luto foi um instrumento epistêmico que a autora encontrou via para continuar produzindo-existindo. Penso nos fios que me ligam com as experiências contadas por Nisia e trago nessa dissertação um entrelaçar desses encontros que tive com esses textos e com a escrita autobiográfica.

Contar foi a via para que Nisia pudesse se enxergar a partir do relato. Assim, com a minha escrita que se constroi vislumbrando que a contação de minha avó, mãe, irmã, tias se torne texto, daquelas que eternizam histórias. Quando aprendi a história no campo acadêmico, reconheci nas suas entrelinhas que havia relatos, pessoas, vozes sempre no privado. E, quando conheci a sala de aula, aprendi que existem vozes que cada sujeito carrega consigo e são soterradas pela história dos “grandes”, por isso a escrita e a história do mundo privado começam a andar juntas, como uma forma de conhecer e contar. Encontrei na escrita uma forma de dessoterrar as memórias e encontrar representação em outras mulheres que partilham de histórias que se assemelham ou se diferenciam, mas que existiram diante de uma estrutura patriarcal que promoveu um apagamento epistêmico.

O movimento que me trouxe a escrita foi o de busca por reconhecimento. Busca por encontro. Perrot (1998) transpõe esse movimento para a escrita utilizando a metáfora do ‘teatro das memórias’. Nesse teatro, as mulheres são sombras tênues. Pouco espaço é destinado a elas ao passo que a narrativa histórica privilegia a política, a guerra. Eu me pergunto – qual narrativa eu conheço das mulheres? Isso me convoca ao teatro das minhas memórias familiares. De mulheres valentes, grandes, corajosas daquelas que minha mãe contava. Esse confronto das memórias – as privadas e as oficiais me movimentam a pensar no produto disso.

Por isso busquei aprofundar nesse percurso a partir de autobiografias escritas

pelas duas pensadoras. A pesquisa foi documental com análise dos textos, “Itinerário de uma viagem à Alemanha” (1857) de Nísia Floresta, e “Álbum” (1853 -1901) de Maria Firmina dos Reis.

As autobiografias associadas a memórias femininas foram subsídio para pensá-las como possibilidade de fonte de ancoragem para um ensino de História emancipatório para as mulheres. Nesse processo de investigação, leitura e análise da autobiografia de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis os estudos feministas e autobiográficos foram suporte teórico- metodológico. Daphne Patai (2010) nos desafia a pensar ou a integrar aspectos da oralidade e da autobiografia em nossos estudos da história das mulheres. Com isso, anseio colocar em evidência a importância do protagonismo das mulheres na história através das abordagens autobiográficas, e ainda: refletir a respeito da potência da escrita feminina; problematizar as omissões e silenciamentos de mulheres nos processos históricos, propor uma sistematização e análise baseada na hermenêutica feminista dos textos históricos de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis que conecte essas autoras à área da educação. Para a definição dessa análise hermenêutica, me ancore na escrita de Márcia Paixão e Edla Eggert (2011, p. 16):

A hermenêutica feminista valoriza a fala e quem fala. Por isso, dizer a sua palavra a partir do seu lugar é fundamental para reinventar outras formas de viver e ver a vida. Dizer o que sente, o que sofre, quais as alegrias vividas é devolver a dignidade perdida ou ocultada pelas práticas excludentes patriarcais. Pensar sobre as histórias de vida e fazer disso uma prática que repensa a vida é promover o protagonismo e empoderamento das mulheres. Essas formas de ser e fazer viabilizam relações sociais mais justas e igualitárias entre os seres humanos. É isso que o feminismo busca e espera das relações entre homens e mulheres. A partir dessa hermenêutica, percebe-se a complexidade dos mecanismos sociais, religiosos, econômicos, psicológicos e culturais e quanto se faz necessário pensar e contar a história pessoal e dar-se conta das relações sociais no nosso tempo e espaço para recuperar a vida e o bem-estar das pessoas.

Essa dissertação está inserida em um horizonte interpretativo com implicação da dimensão da hermenêutica feminista e, por isso, aprofundarei nesse campo em diálogo com discussões teóricas de Ivone Gebara (2000), Edla Eggert (1999), Marcia Paixão e Eggert (2011) e Marie Christine Josso (2004).

É uma pesquisa que tem caráter exploratório e bibliográfico, justamente no sentido de compor um campo ainda pouco investigado na área de educação e ensino de história, isso porque enquanto a escrita e as narrativas femininas permanecerem sendo exceções nas aulas de História, o escrever estará ligado à experiência de

exclusão. Sendo assim, o reconhecimento das escritas femininas se constitui com um ato de emancipação. De acordo com Bonin (2012, p. 4):

como prática metodológica, a pesquisa exploratória implica aproximações empíricas ao fenômeno concreto a ser investigado com o intuito de perceber seus contornos, nuances, singularidades. Tatear o fenômeno, explorar aspectos que interessam à problemática em construção, na sua feição concreta, caracterizam este processo.

A produção de um ensino de história representativo e questionador das narrativas androcêntricas são estrutura basilar dessa pesquisa ocupando a centralidade do processo investigativo e disso ramifica-se outras intencionalidades como a de demarcar a posição de importância que o ensino de história engajado em uma pedagogia feminista¹ desempenha no processo de ensino aprendizagem.

Essa pesquisa tem como principais personagens as mulheres e o reconhecimento de autorias femininas. Ou seja, contrariando a lógica patriarcal de apagamento proponho memória, que através dessa memória seja possível marcar um território autoral e, dessa forma, fazer uma frente ativa a essa ausência de narrativas que foi um mecanismo sustentador da ordem patriarcal e androcêntrica por séculos.

Na primeira parte dessa investigação busquei estudar dois textos autobiográficos: a) de Nísia Floresta, "Itinerário de uma viagem à Alemanha" (1857), e b) de Maria Firmina dos Reis partes do diário dela intitulado, "Álbum" (1853–1901). Na segunda parte fiz um mapeamento de quais elementos trazidos pelas autoras, nas suas narrativas autobiográficas, se entrecruzam e possibilitam reflexões ancoradas nas experiências femininas para o ensino de história emancipatório.

Produzir, portanto, perspectiva epistemológica feminista para o ensino está relacionada intrinsecamente com o resgate de histórias e a produção de memórias de forma mais democrática. Como aponta Flávia Biroli, (2018, p.10) é necessário considerar o cotidiano dos espaços privados e domésticos para uma análise efetiva da democracia. Isso é, se as relações engendradas no espaço doméstico são desiguais elas destoam da concepção igualitária de sociedade anunciada pela democracia.

¹ Claudia Korol em sua obra "Hacia una pedagogía feminista: géneros y educación popular: Pañuelos en Rebelión". Aponta que a pedagogia feminista envolve e provoca necessariamente o feminismo e o questiona em suas teorias e práticas. Isso porque a pedagogia feminista faz da crítica e autocrítica um método fundamental. Sendo assim, esse método compreende que as perguntas abrem mais caminhos que as respostas. Entende que são nessas perguntas que residem a possibilidade de multiplicação de novos ensaios sociais e culturais que não reproduzam as desigualdades, mas que desafiam as regras do poder (p. 18, grifos e tradução minhas).

Parte dessa dissertação inseriu-se no desafio de pensar o exercício autobiográfico, enxergar e produzir autorias. Dessa forma, nas seções a seguir faço uma imersão autobiográfica trançada com autorias que me ancoraram na pele de estudante-professora-pesquisadora bem como demarco aqui os caminhos que me trouxeram a pesquisa feminista e em educação.

A partir daqui, aprofundo no campo autobiográfico, demarcando quem eu sou e de quais raízes cresci para chegar até esse ponto de anúncio e autoria. As páginas que seguem entrelaçam minhas experiências com as das autoras com quem dialogo. Nesse movimento procuro mapear as leituras e contextos que me provocaram na pele de estudante, bem como na pele de professora, autora e pesquisadora. Escrevo nas linhas que seguem para tornar a memória viva, para fazer dela instrumento de luta. Escrevo para que em cada letra o movimento seja o de aprofundar – nas escritas femininas, nas palavras e autoras âncoras, nas lembranças que se preservem como instrumento de luta.

Essa dissertação possui, além da parte introdutória, o capítulo dois que contém a apresentação das pesquisas sobre as duas autoras em questão, e a tentativa de sinalizar quais desses achados dialogam com os meus objetivos investigativos. No capítulo três está a reflexão sobre a pesquisa autobiográfica com os argumentos feministas e decoloniais para analisar os recortes autobiográficos das autoras e discutir aspectos do ensino de história emancipador. No quarto capítulo introduzo a categoria de ancoragem e sobre como posso dialogar com os achados dos textos autobiográficos das duas autoras do século XIX com aspectos históricos sobre elas, bem como as possibilidades didático-pedagógicas do ensino de história ser emancipador e por fim, as conclusões

2 EXERCÍCIO AUTOBIOGRÁFICO ENTRECruzADO

Minha trajetória de pesquisa foi alinhavada pelos fios da memória que me conectam com o que fui, com o que sou e com o que posso vir a ser. Dessa forma tenho o entendimento de que nada se produz no individual, mas tudo gesta-se no coletivo. Escrevo nesse ponto para anunciar que minha pesquisa e a autoria é coletiva e ancestral. Carrego por meio dela universos de silêncios que vislumbro romper através da escrita compartilhada, da escuta atenta às mulheres que me formaram e que me formam e do grito epistemológico de se autorrecuperar. Os conceitos de “autorrecuperação”/“autoatualização”² foram criados por bell hooks (2019)² para propor uma prática de educação libertadora pautada em uma mudança na condição de sujeitos oprimidos que deixem de ser objetos e tornem-se sujeitos e alcancem sua própria voz. Maria Firmina dos Reis em sua autobiografia “Álbum” (1853-1901) apresenta o exercício de alcançar sua própria voz e se define:

De uma compleição débil, e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, eu só conhecia o céu, as estrelas, e as flores, que minha avó cultivava com esmero talvez, por isso eu tanto ame as flores (Reis *apud* Moraes Filho, 1975, n.p.).

Nessa autobiografia Maria Firmina inicia definindo quem é e porque se tornou assim. Esse texto me inspira a entrelaçar essa escrita com a minha, através da vontade de saber, aprofundar em mim e no mundo para entendê-lo semelhante com a busca de Maria Firmina. Anuncio, dessa forma, de onde vim e como cheguei aqui.

Nasci no ano de 1999 e cresci em um bairro periférico da região urbana chamado Jardim Krahe, na vila Nova Esperança, município de Viamão, região metropolitana de

² No grupo de orientação que faço parte, cuja coordenação é feita pela professora dr. Edla Eggert estudamos a interlocução desses conceitos de autorrecuperação, autoatualização e escrevivências (conceito de Conceição Evaristo) com as pesquisas autobiográficas no campo da educação. O desafio é pensar numa produção autoral auto-situada e contextualizada a partir do chão que pisamos e das nossas vivências enquanto mulheres e os outrosrecortes que nos diferenciam e nos unem – raça, classe, sexualidade etc.

Porto Alegre.

Figura 1 - Mapa do Município de Viamão



Fonte: Prefeitura de Viamão.³

Segundo dados do IBGE (2021)⁴ esse município é formado por uma população total de 257.330 habitantes. De acordo com dados de Jonathan Fraga (2021), em um levantamento sobre a violência em Viamão entre os anos de 2019 e 2021, o município demonstra um alto índice de homicídios dolosos, relacionados às condições socioeconômicas desiguais que resultam num alto índice de violência. Fraga (2021, p. 55), aponta ainda que caso se tratasse de um país, Viamão teria se enquadrado na segunda pior faixa nos dois anos – tomando o 2º lugar do Brasil entre os países com as maiores taxas da América do Sul. Essa realidade se reflete nas questões de gênero e violência contra as mulheres. Os dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul dos Indicadores de violência contra as mulheres⁵ demonstram que Viamão, apesar de ter uma população menor que a capital do estado, Porto Alegre, apresenta taxas bastante próximas de crimes de ameaça, lesão corporal e feminicídio, ficando entre os dez municípios do Rio Grande do Sul mais violentos

³ Mapa disponível para acesso em: <https://www.viamao.rs.gov.br/portal/turismo/0/9/2806/roteiros>.

⁴ Dados disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/viamao/panorama>.

⁵ Dados disponíveis em: <https://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contra-a-mulher>.

para as mulheres entre os anos de 2012 a 2016.

Minha infância e adolescência foram marcada por esse cenário violento, aprofundada pelas desigualdades socioeconômicas bastante demarcadas no bairro em que cresci. Nesse território vi as primeiras contradições sociais acontecerem. Guerras de tráfico, execuções, tiroteios, violência policial. A violência contra as mulheres também fazia parte do meu território e da minha família, que também carrega consigo uma história transgeracional de violência contra as mulheres que refletem a realidade da maioria das mulheres de Viamão e do Brasil⁶.

Minha mãe, Claudia Berr, sustentou nossa casa por meio do seu trabalho como cuidadora de pessoas e meu pai, João Elias, como porteiro. Sou a terceira filha de uma família com quatro irmãos e a primeira a ocupar esse estranho lugar na pós-graduação *strictu sensu*.

Na minha adolescência, por volta dos dezesseis anos, a necessidade de entender as contradições e violências que se apresentavam nesse meu território e na minha família aumentaram. Tensionada a entender onde estavam as mulheres, quais espaços elas ocupavam e de onde nasciam tantas violências, passei a buscar uma compreensão teórica quando ingressei na graduação em História. A pesquisa histórica sobre mulheres constituiu-se, dessa forma, como uma espécie de escavação do meu ser, e hoje percebo que é também do ser de muitas mulheres, das de perto e de longe que estavam (e ainda estão) soterradas no saber que eu tinha sobre o mundo. Nesse sentido, a posição teórica adotada para 'dessoterrar' esses saberes é interseccional, dialogando com Carla Akotirene (2019) para fazer frente ao apagamento epistêmico. Akotirene (2019, p. 26) discorre sobre a construção de uma gramática ancestral sobre interseccionalidade, numa posição analítica em direção ao Sul Global e às memórias naufragadas pelo colonialismo.

A partir desses objetivos e procurando um movimento de 'dessoterrar' me provoquei a entender as leituras que formaram minha pele de estudante e como, através delas encontrei a pesquisa feminista. Na próxima seção mergulho num desafio de aprofundar em mim enquanto autora para construir o argumento autobiográfico em diálogo com outras autorias-âncoras.

⁶ Segundo levantamento do IBGE, divulgado pela Agência de Notícias do IBGE: "Um contingente de 29,1 milhões de pessoas sofreu violências física, psicológica ou sexual em 2019; a violência atingiu 19,4% das mulheres e 17,0% dos homens." (IBGE, 2019) Disponível em: <https://abrir.link/gYCNF>. Acesso em: 06 out. 2022.

2.1 As leituras provocadoras na pele de estudante

A primeira face desse processo de entendimento do mundo através da leitura foi na pele de estudante e no esforço epistêmico e ancestral de pensar as raízes. Mapeei, dessa forma, as minhas memórias mais remotas e me vi reconhecida como mulher e identificada com as mulheres quando ouvia as tantas histórias que minha mãe me contava. Parecido com Conceição Evaristo (2007), minha escrita também nasceu de um acúmulo de histórias, palavras e sonhos que ouvi na infância. Conceição conta que desde criança colhia histórias. Entendo que comigo foi um processo semelhante. A maior identificação com a minha mãe foi enxergá-la como minha primeira contadora de histórias e, como primeira autora que li através de seus diários. Logo depois dela vinha minha bisavó que aos oitenta anos contava histórias de uma vida longa e sofrida. Tanto nas histórias de minha mãe como de minha bisavó eu ouvia sobre mulheres. Eram mulheres que carregavam universos de sofrimentos e solidão. Ao mesmo tempo representavam a coluna dorsal de suas famílias e dos espaços que ocupavam mesmo sem terem reconhecimento. Dessas colheitas de histórias senti nascer o desejo de entender as minhas mulheres – as que me antecederam, as que sou e as que ainda ia conhecer. Impulsionada por uma intuição de perceber a presença feminina parti a uma busca parecida com a que Hélène Cixous (1998, p. 54) descreve: “onde estão elas? As potentes, as férteis, as alegres, as livres, a não ser a minha mãe e algumas resistentes, essas belezas de vida [...] não se encontravam na realidade”.

Quando entrei para a escola passei a ter outro contato com o mundo das mulheres, ou melhor, não ter contato com esse mundo. Era como se tudo que eu soubesse delas estivesse dentro da minha casa, num espaço privado, recluso, proibido. No mundo público da escola as mulheres não existiam, e, assim, as dúvidas foram crescendo mais. Entendia que as histórias das minhas mulheres eram únicas e só elas tinham histórias, era como se não tivessem existido outras.

Paulo Freire (2003) discorre sobre seu processo arqueológico – uma arqueologia das memórias, que fez quando entrou em contato com seu processo de alfabetização. Essa narrativa se parece com a minha. Quando comecei a pesquisa histórica, e sobretudo, a pesquisa feminista, emergi em um processo de alfabetização do meu mundo, alfabetização em uma linguagem outra que perpassava a leitura e a escrita, que é uma linguagem das memórias ancestrais de mulheres. Minha

alfabetização foi nos textos íntimos, nos diários escondidos de minha mãe, nas autoras que fui conhecendo sem entender muito o que significava. Minha alfabetização nas memórias foi dolorida, sofrida, mas acolhida por um alívio ancestral de entender que havia outras mulheres. Outras tantas que precisavam ser lidas, descobertas, escutadas e contadas.

Registro então que a caminhada como mestranda foi iniciada muito antes da escrita dessa dissertação. Essa investigação nasceu junto de mim no meu processo de reconhecer-me mulher e depois no reconhecer-me estudante, professora-pesquisadora-autora.

Aos dezesseis anos entrei no cursinho popular Projeto Alternativa Cidadã, situado no Campus do Vale, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2016. Ali foi meu primeiro contato com a educação de uma forma que eu acreditava. Foi um ano de sonhos que se confrontavam com a realidade da defasagem educacional e com as inúmeras lacunas que minha trajetória até ali apresentava. No cursinho popular, conheci professoras que me encantaram e plantaram junto comigo um campo de sonhos por uma educação gratuita e de qualidade que garantisse o acesso à universidade e a pesquisa. No final de 2016, pela primeira vez fiz o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) e alguns meses depois obtive o resultado de uma nota que me garantiu acesso à universidade. Me inscrevi no Portal Único de Acesso ao Ensino Superior (PROUNI)⁷ e fui aprovada. Ingressei, dessa via, para o ensino superior para estudar licenciatura em História. Sou fruto do investimento em educação e em políticas públicas de enfrentamento às desigualdades sociais.

Nesse contexto, cabe ressaltar que com o avanço do neoliberalismo, e, sobretudo, o aumento da extrema-direita na política institucional em avanço desde o golpe político de 2016 que depôs a presidenta Dilma Rousseff eleita democraticamente e acentuado pelo governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro vimos um desmonte dessas políticas de enfrentamento às desigualdades sociais, ataques a ciência, pesquisa e universidade. Esse período ficará marcado como um retrocesso histórico no avanço que foi construído pelas políticas educacionais⁸ que

⁷ O Programa Universidade para Todos (Prouni) foi criado por Fernando Haddad, que atuava como Ministro da Educação em 2004 e instituído pela Lei n.º 11.096, de 13 de janeiro de 2005^[3] na gestão de Luiz Inácio Lula da Silva. Tem como objetivo a democratização do acesso ao ensino superior de estudantes de escola pública e baixa renda. Através do programa são garantidas bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação instituições privadas de ensino superior. Disponível em: <https://acessounico.mec.gov.br/>.

⁸ Além do Programa Universidade para Todos (Prouni) durante a gestão da ex-presidenta Dilma

foram implementadas pelos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

Em 2017 ingressei na graduação em História, esse foi um momento de impacto. Enxergar-me ocupando esse espaço em uma universidade privada, cuja estrutura era maior do que qualquer lugar que eu já tivesse visto foi assustador. Antes da leitura dos textos, livros e inúmeros autores e autoras que a graduação de história me apresentou, eu precisei ler uma realidade outra, marcada pelas contradições sociais que passei a enxergar na universidade. Meu ingresso foi através do ProUni, e, apesar da ótima estrutura física e da excelência do grupo docente, a universidade não contava com políticas de permanência dos estudantes bolsistas. Foi um começo duro de encarar as diferenças econômicas que se apresentavam nas salas de aula da graduação. Senti o déficit de aprendizagens que carregava da minha formação na educação básica e o medo de ocupar um lugar tão distante da minha realidade social. Encontro-me nesse momento entendendo o medo como sentimento inerente ao processo de reconhecer-me mulher. Compartilho do sentir que Audre Lorde (2000) demarca em seu texto de que nunca será sem medo, seja medo da visibilidade, da exposição, do descontrole. O medo passou a existir nas minhas vivências como instrumento de enfrentamento, visualizado de forma objetiva.

Essas contradições que se apresentavam foram aos poucos sendo aliviadas pelos diálogos teóricos, pelas(os) autoras(es), professoras(es), amigas que fiz pelo caminho. Contudo, vestir a pele de graduanda foi um processo corrosivo e destrutivo. Ao mesmo tempo que a vestia, sentia-me despir da minha antiga pele e me afastar das minhas origens. Por isso, escrevo sobre as contradições – como posso ocupar esse lugar tão sonhado por mim e minha família e ao mesmo tempo sentir que estou me distanciando das minhas origens⁹?

Ao mesmo tempo que existiu destruição na veste dessa nova pele, também dessa mesma via existiu potência e reencontro. Entendo que me reencontrei com a minhas origens e com o sentido de estar na graduação quando passei a relembrar das

Rousseff foi criada através da Portaria Normativa nº 21, de 5 de novembro de 2012 o Sistema de Seleção Unificada, garantindo o acesso ao ensino superior em instituições federais de acordo com a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, e o Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012. Disponível em: <https://sisu.mec.gov.br/#!/legislacao>.

⁹ O filme “Que horas ela volta?” representa um pouco desse meu sentimento. A personagem, filha da empregada, que ingressa na universidade, passa a perceber muitas contradições que sua mãe não percebe. Ao mesmo tempo que ela vive o sonho de romper com uma história de violências ela também se vê afastada da mãe.

inquietações e indignações que me levaram até ali. A partir disso, passei a um processo de busca. Era uma busca por sujeitos históricos que tivessem vindo de um lugar marginal, esquecido, e, principalmente por mulheres que dessem sentido para minha existência ali. Através disso fui reconstruindo minha própria história. Esse processo foi de buscar ancoragem, referências para que encarar essa nova pele não fosse um caminho sem volta. bell hooks, em sua obra, Tudo sobre o amor: Novas perspectivas narra o seu processo de buscar âncoras:

(...) Dominada pela sensação de ser arrastada para debaixo d'água, de me afogar, procurava constantemente **âncoras** que me mantivessem na superfície, que me puxassem em segurança para a margem (Hooks, 2021 p.24, grifo da autora).

Pisar na universidade foi um estranhamento constante acompanhado pela fome de entender as desigualdades que se apresentavam nesse novo mundo. Nas primeiras disciplinas da graduação fui sentindo um aprofundamento da necessidade de entender qual era o espaço reservado para as mulheres na historiografia e no processo histórico. Me lembro de uma pergunta provocadora de um professor, Luis Martins: Onde estão as mulheres na história? Escondidas? Submissas? Dentro das casas? E logo após essa pergunta uma provocação – “vocês estão se tornando historiadoras e historiadores. Vocês precisam pensar para além do dito, entender onde as mulheres ousaram, resistiram e se revoltaram mesmo diante da estrutura”. Esse momento me fez entender que havia um universo de teorias, autorias, textos, contextos que eu precisava conhecer para me aproximar das mulheres, das minhas dúvidas e de mim.

Aprofundei, dessa forma, no campo de autoras feministas. Foi um processo bonito de encontrar autorias que me ancoraram no caminho de conhecer o mundo delas e ir trançando os conhecimentos junto com as autoras que eram tão desconhecidas para mim. Através de uma professora, Eliana Siveira, conheci Regine Pernoud (1994) que escrevia sobre Hildegarda de Bingen e sua força desbravadora de criar, escrever, pintar e construir um escopo teórico sobre a vida, medicina, matemática, e tantos outros saberes. Hildegarda foi âncora. Quando estava me sentindo perdida, a deriva nos textos, encontrei Hildegarda e através das obras dela fui entendendo que precisava aprofundar mais a pesquisa feminista.

Nesse percurso tive meu primeiro contato com a pesquisa e desde esse momento passei a pesquisar sobre mulheres. Onde elas estavam, como eram

representadas, quais eram suas participações etc. Minha primeira experiência com a pesquisa foi no Grupo de História e Mídia do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e História das Mulheres da PUCRS, durante os anos de 2018 a 2020. Desse processo publiquei o artigo “Sempre a mulher pela mulher: a coluna Feminismo no jornal O Paiz (1927-1930)”¹⁰ em parceria com a professora e historiadora Mônica Karawejczyk.

Atualmente, como mestrande, tenho participado do Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq, “Educação, Gênero e Trabalho Artesanal”, liderado pela orientadora Dr^a Edla Eggert, e tenho sido desafiada a perceber a amplitude da temática dos estudos feministas e de gênero.

Entrei em contato com autoras fundamentais para o desenvolvimento da minha trajetória de pesquisa. Michelle Perrot, em duas das suas obras “Minha História das Mulheres” (2007) e “Práticas de Memória Feminina” (1989) que convocam à reflexão de que havia um arsenal de escritos, saberes, histórias e memórias de mulheres que foram aglutinados/condensadas por uma memória dominante masculina que se utilizava de uma série de recursos para manter essa ordem patriarcal. A principal ferramenta era a manutenção do silêncio delas. Desse silêncio e apagamento, anunciado por Perrot, reverberou a ideia de que “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra (Perrot, 2007, p. 22). O teatro das memórias, a encenação dos papéis, o oculto por trás das cortinas e impresso nos bastidores que me convocou perguntar: onde estão elas? E por que não ocupam o palco principal?

Constância Duarte (2007) também foi importante nesse processo de entendimento do mundo delas e foi uma das minhas autoras basilares da graduação. Através de seus textos, conheci Nísia Floresta e suas obras e pude entendê-la como potência de autoria para as minhas análises. Constância (2007, p. 65-66) tensiona ao questionar as estruturas de apagamento das mulheres do mundo das letras e da historiografia:

[...] as escritoras que nunca foram mencionadas nas histórias literárias, até outras que, apesar da calorosa recepção de ilustres leitores de seu tempo, como Machado de Assis e Olavo Bilac, também desapareceram excluídas do cânone por uma historiografia e uma crítica de perspectiva masculina, que sistematicamente eliminaram as mulheres do cenário das letras. Através de suas obras – romances, poemas, diários, contos, dramas, comédias, ensaios e crítica literária – as escritoras expressam suas emoções, sua visão de mundo, além de lúcidas reflexões sobre educação, condição da mulher na

¹⁰ Pesquisa publicada em História em Revista – periódicos eletrônicos UFPEL. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/21572/13403>.

sociedade patriarcal, direito ao voto, participação na vida social, dentre outros temas.

Desde esses primeiros encontros com o campo das teóricas feministas, passei a vislumbrar-me enquanto autora. Tentei me enxergar nessa pele. De alguma forma, enxergar as produções autorais de mulheres me foi um chamado. Sinto como Conceição Evaristo (2007) que narra seu processo de escrita como possibilidade de fuga, sonho e modificação.

Inserir-me no campo de leituras feministas me clamou por escrita. Passei a imaginar outros espaços-mundos possíveis onde eu pudesse expressar as tantas inquietações e indagações que eu tinha e tenho sobre a realidade. Nesse ponto, nasceu uma via que conectou a minha pele de estudante com a minha carne de autora. Encarnei nessa sensação de expor as contradições históricas, do desejo por rompimento de silêncios e a fome por reconhecimento. Encontrei espaço para esse corpo de pele e carne renovadas no mestrado. Romper com silêncios encontra-se comigo como desejo de emancipação. Ler e autorar constitui-se como forma de reconexão, reparação e reconstrução de memórias. Provocada pelas indagações de Audre Lorde (2007) essa escrita inscreve-se num processo de transformar os silêncios em linguagem e em ação como ato político e epistêmico de revelação de mim para o mundo e do mundo para mim. Lorde (2007) ensina que essa transformação é assustadora e causa medo, mas que somente através disso podemos produzir inteiramente e romper com as ferramentas opressivas do patriarcado que nos coloca num lugar de não dizer.

Ingressar no mestrado foi como adentrar no profundo desconhecido. Contudo, na linha de pesquisa que fui acolhida encontrei espaço para existir. Foi como pisar em um solo úmido e nutrido. Encontrar com companheiras de pesquisa e com a minha orientadora foi como estar em uma roda de cuidados, parecida com a que minha mãe e avó faziam quando eu era pequena. Tem sido reparador acessar minhas subjetividades através da escrita e entendê-la como movimento político e potente. Conheci um novo universo no campo acadêmico: um universo feminista. Nesse espaço fui recebida, assim como minha escrita com as in-conclusões, com os medos, encontros e desencontros. A forma com que aqui eu expressei minha pesquisa, entrelaçada com o meu testemunho e narrativa inaugura também as potencialidades de entender a escrita íntima como estruturante do meu processo autoral e o de tantas outras mulheres. Enxergar-me encarnada nesse lugar, na demanda de autorar,

criar, costurar teoricamente foi entender que havia uma potência ancestral e reparadora na pesquisa feminista.

Adentrar esse caminho foi inevitável para mim. Escrever foi via de elaboração e libertação. Glória Anzaldúa (2000, p. 232) narra esse processo de encontrar a escrita como ferramenta de libertação:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

Escrever, portanto, constitui-se como um ato político de denúncia e anúncio de novas autorias, novas indagações. Nesse movimento de encontrar autorias femininas, fazer perguntas e buscar respostas, também me aprofundei no desejo de conhecer a educação superior. Nesse impulso experimentei o estágio docente no ensino superior, como professora-estagiária¹¹. Nesse ponto, vejo-me no meio do caminho e escrevo situada em uma pele de estudante-aprendiz-professora. Experenciar a docência no ensino superior foi transformador. A sala de aula é sempre um encontro potente, contudo, ali foi um demarcador de um novo espaço que passei a ocupar. Enxergar-me na pele de professora-estagiária em uma turma de pedagogia, majoritariamente formada por mulheres que já atuavam como professoras, fez parte de um processo de reconhecimento comigo e com o mundo nas novas facetas que ele vem apresentando. A palavra é transformadora quando ela encontra escuta e ali naquela sala cheia de gente com olhos cansados, mas desejantes por novos saberes de mundo, por compartilhar seus saberes encontrei via para aprofundar teoricamente, intimamente, profissionalmente.

Nesses caminhos em direção a sala de aula me vi novamente diante das contradições que havia sentido quando ingressei na universidade. Enxergar aquela

¹¹ Realizei o estágio docente na disciplina de Fundamentos da Educação, com supervisão e parceria da professora Edla Eggert, no segundo semestre de 2022.

sala de aula majoritariamente formada por bolsistas, cheia de professoras-estudantes-sonhadoras-trabalhadoras foi como retornar para mim e relembrar dos passos que dei na graduação. Ali senti a urgência de conectar, interseccionar teorias – feministas, antirracistas, anticlassistas, decoloniais. Foi um percurso intenso e bonito. Nele conheci mulheres potentes e autorias que me ancoraram para refletir em aulas mais plurais. Ali conheci através da professora-âncora e minha orientadora, Edla Eggert, a exposição¹² da artista Rosana Paulino, que através de seu olhar enquanto mulher negra apresenta por meio da arte um movimento ancestral de rememorar e tornar viva as histórias. Na exposição “A Costura da Memória” (2018), Rosana Paulino demonstra que memória pode denotar aterramento, pertencimento, poder e por meio disso possibilitar o encontro das autoras com sua ancestralidade.

Figura 2 - Parede da Memória (Obra de Rosana Paulino)



Fonte: Pinacoteca de São Paulo.¹³

A obra Parede da Memória de Rosana Paulino, formada por 150 patuás – amuletos que simbolizam proteção nas religiões de matriz africana – apresenta onze retratos familiares que se multiplicam e representam uma forma de conexão da artista

¹² A exposição “A Costura da Memória” da artista Rosana Paulino cuja curadoria foi realizada por Valéria Piccoli e Pedro Nery, ocorreu entre Dezembro de 2018 e Março de 2019, na Pinacoteca (SP). A mostra reúne esculturas, instalações, gravuras, desenhos e outros suportes, que evidenciam a busca de Rosana Paulino no enfrentamento com questões sociais, destacando o lugar da mulher negra na sociedade brasileira.

¹³ Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/exposicoes/>. Acesso em: 04 de dezembro de 2023.

com suas identidades ancestrais. Rememorar, portanto, é um movimento ancestral e demarca também uma experiênciade escrita e auto escrita que se constitui como uma costura das memórias. Para as mulheres e, sobretudo, mulheres negras nessa costura, se produzem as possibilidades de existência frente a uma estrutura de esmagamento epistêmico das memórias e palavras delas. Calila de Mercês (2021, p. 55) chama atenção para esse movimento das memórias e para a potência das escritas situadas:

Seria revolucionário e libertador emplacar análises de obras de autoria negra e de povos originários com visões puramente eurocêntricas ou com viés embranquecido –parecido com falar sobre capoeira usando apenas ideias de Merleau-Ponty sem citar as de Mestre Bimba ou Mestre Pastinha ou ainda outra/o Mestra/e? O que artistas negras/os têm produzido de revolucionário ao trançar pensamentos, além da possibilidade de criar novos modelos de trançar, é exprimir experiências africanas e afro-diaspóricas no cerne de suas obras.

Assim como as costuras das memórias de Rosana Paulino, a investigação feminista me possibilitou traçar um movimento de retomada para as histórias que me formaram,e, entender que minha experiência individual se reverbera coletivamente na multiplicação de vivências opressoras que nós mulheres passamos. A proposição que me move, em ancoragem com as autoras feministas, marxistas, latinistas, decoloniais é a de transformar o que fizeram conosco em produção autoral, em punhos unidos de conhecimento teórico e epistemológico para romper com uma história transgeracional tão violenta com as mulheres. Foi um pouco desse susto e confronto com a teoria que senti as possibilidades e fui adentrando mais densamente nos conceitos e autorias. A sensação é de que minha pele de estudante foi criando casca, daquelas de proteção, com ela fui conseguindo compreender e amadurecer os debates.

Nesse processo encontrei com o diálogo interseccional através do pensamento de LéliaGonzalez (1982) que é fundante e estrutural no que diz respeito ao feminismo negro e latino-americano e constituiu-se como leitura basilar no meu processo de escavação dos saberes feministas. O debate sobre a posição de insubmissão das memórias que Lélia convoca em seu texto "Cumé que nós fica" (1984) convida a refletir sobre a posição ancestral e reparadora queos estudos da memória carregam. No debate da consciência e memória Gonzales aponta que a memória se compõe como a nossa identidade decolonizada:

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como

consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. **Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção.** Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioula, a gente saca que a consciência faz tudo pra nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela pra tudo nesse sentido. Só que isso tá aí... e fala (Gonzales, 1984, p. 226, grifo nosso).

A memória é o lugar das restituições, das histórias não escritas. Assim, a investigação feminista também se constitui como uma investigação das memórias que resistiram a consciência dominante patriarcal.

Os diálogos com Lélia Gonzales, Carla Akotineri, bell hooks e tantas outras autoras possibilitaram que eu percebesse a pesquisa e, sobretudo, a investigação feminista me atravessando no processo de encontro com ser mulher, autora e pesquisadora. Foi nesse encontro epistêmico e ancestral que me vi ancorando nelas e reconhecida na possibilidade de produção, intervenção e autoria.

Contudo, o que alinhavou as peças foi o chão da sala de aula e o encontro entre a pesquisa feminista com a realidade apresentada pelas escolas por onde passei. Esse é um pouco da dor e do alento da pesquisa e na minha caminhada: perceber que a experiência de apagamento, silenciamento e violência não é só minha, mas é coletivamente vivida pelas professoras com as quais convivi, com as autoras que li e pelas educandas que encontrei.

Na seção seguinte escrevo sobre as leituras de mundo na minha pele-professora. A sala de aula é via de sustentação para a minha autoria. É onde eu construo corpo, escopo e vias para elaboração dos silêncios. Academicamente eu encontro ferramentas que vislumbro transpor para sala de aula. Esse é um pouco do movimento que descrevo a seguir.

2.2 As leituras provocadoras na carne de professora

Em 2017, toquei pela primeira vez o solo escolar como professora-estagiária. Logo nos primeiros semestres da faculdade conheci a escola, a sala de aula e o encontro docente. Me lembro da sensação de susto. Foi espantoso retornar para a

escola como professora de história e encontrar uma estrutura quase intocada onde os mesmos discursos eram reforçados, os mesmos sujeitos eram representados, havendo espaço quase exclusivo para eles – homens, brancos, ricos – na sala de aula. Me enxergar outra vez nesse espaço, mesmo que ocupando outra função, mas imersa na mesma lógica de discurso, me revirou do avesso e me fez pensar no desafio de traduzir o que vinha fazendo nas pesquisas acadêmicas em uma prática docente, aplicada, ética e comprometida com a transformação social e com a ampliação de vozes no espaço escolar, e, sobretudo, ressignificar a função do ensino de História.

Dos caminhos que percorri pelas escolas fui tentando mapear qual era o espaço concreto delas dentro dessas instituições. Tive encontros com os silêncios e ocultamentos das mulheres no processo histórico, tive encontros com o medo de professoras(es) de se assumirem questionadoras da escola patriarcal e tive encontros com professoras pesquisadoras que enxergavam na realidade escolar um ambiente de transformação social.

Do espanto vem a urgência de sustentação. Onde eu sustento a minha sala de aula? Para onde eu recorro? O que me ancora? Essas questões estavam latentes em mim e, faziam parte do meu movimento de vestir uma nova pele – a de professora. Em meio as angústias encontrei Bell Hooks e sua escrita sobre transgressões. Transgredir a sala de aula como instrumento para libertação. Através de Hooks eu entendi que pensar teórica e epistemicamente a sala de aula era um movimento contra hegemônico. Era resistir a estrutura que apaga o pensamento crítico e engajado numa crítica libertadora. Partilhei do desejo apaixonado por ensinar de um modo diferente:

Eu tinha o desejo apaixonado de lecionar de um modo diferente daquele que eu conhecia desde o ensino médio. O primeiro paradigma que moldou minha pedagogia foi a ideia de que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo, nunca de tédio. E, caso o tédio prevalecesse, seriam necessárias estratégias pedagógicas que intervissem e alterassem a atmosfera, até mesmo a perturbassem (Hooks, 2013, p. 16).

Considero que a obra de Bell hooks foi meu primeiro chamado para entender que a experiência de pensar uma sala de aula libertadora não era só minha, mas já vinha sendo construída por várias(os) educadoras(es) antes de mim. Criar essa consciência foi fundamental para que eu não me sentisse solitária no espaço escolar.

A partir de 2020 eu comecei a viver a sala de aula de forma mais intensa. Acompanhava turmas do 6º ano do ensino fundamental II até a 3ª série do ensino médio nos componentes de história, filosofia e ensino religioso como professora-

estagiária. Foi uma experiência de muitas marcas e, me fez refletir sobre a necessidade de aprofundar nas teorias e buscar sustentação para pensar em uma sala de aula menos excludente.

Rememorar meu processo de descoberta da sala de aula se constitui como movimento de vestir-me na pele professora. Esse deslocamento de pensar a sala de aula para escrever a sala de aula é epistêmico e teórico. Jorge La Rosa (2002) escreve sobre a significância de nomear o que fazemos em educação – como uma forma de dar sentido para nossa *práxis* docente. Aponta para a potência de considerar as palavras, criticá-las, elegê-las, inventá-las, impô-las, transformá-las. Nesse entendimento das palavras como instrumentos, de intervir no mundo e na educação, La Rosa (2002, p. 21) contribui com a definição do significado da experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

O encontro com as palavras de La Rosa, já na pele-professora, foi convocatório: preciso sentir a palavra, desmembrá-la, significá-la. A experiência de sentir a sala de aula, de visualizar as contradições, os silêncios, os furos, as faltas, os excessos foi como a descrita por La Rosa – uma experiência onde me passou, me aconteceu e me tocou. Minha escrita é tecida nesse espaço íntimo onde os saberes da experiência vertem e se reverberam nos saberes teóricos. Entendo, a partir das leituras nessa pele que a sala de aula é transformadora na medida que permitimos que sentimentos nos aconteçam. Esses sentimentos constituem-se como instrumentos, molas produtoras, inquietadoras que me convocam fome de transformação, de leituras, de teorizações. Desse encontro com a sala de aula e com a significação de tornar-me professora sou inundada por inquietações: como ensinar história de um modo que as(os) educandas(os) se enxerguem? Quais são os fios que unem minha pele-autora-estudante com a minha pele-professora? Como romper com uma história excludente? Onde encontrar sustentação-ancoragem para a minha sala de aula?

Encontro no diálogo com Nilma Lino Gomes (2012) ancoragem para essas indagações. Para Nilma, o movimento de construção de uma sala de aula contra hegemônica e, inclusiva – antirracista, anti sexista, decolonial precisa passar pela reformulação e crítica dos currículos:

Portanto, a descolonização do currículo implica conflito, confronto,

negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo. Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente. Compreender a naturalização das diferenças culturais entre grupos humanos por meio de sua codificação com a idéia de raça; entender a distorcida realocação temporal das diferenças, de modo que tudo aquilo que é não-europeu é percebido como passado (Quijano, 2005) e compreender a ressignificação e politização do conceito de raça social no contexto brasileiro (Munanga e Gomes, 2006) são operações intelectuais necessárias a um processo de ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira. Esse processo poderá, portanto, ajudar-nos a descolonizar os nossos currículos não sóna educação básica, mas também nos cursos superiores (Gomes, 2012, p. 107-108).

A crítica à hegemonia dos discursos em sala de aula faz parte, portanto, de um processo de ruptura epistemológica. Dialogar com Nilma é como pensar de forma pragmática os problemas da sala de aula. Enxergá-los como situações construídas que respondem à privilégios de determinados grupos e devem ser questionados e demolidos. Nesse caminho, em busca de uma sala de aula libertadora, tive a experiência de atuar como educadora social em 2022, em uma Organização Não Governamental – Amurt Amurtel¹⁴. Nesse espaço conheci e acompanhei uma turma de adolescentes que frequentavam as aulas no turno inverso da escola. Escrevo dessa experiência porque nela sinto que criei corpo e raízes no chão da sala de aula. De certa forma, as andanças que fiz nesse tempo de vestir a pele-professora foram me autorizando para questionar ainda mais as estruturas. Na Amurt encontrei acolhida, apoio e sonhos que foram tecidos coletivamente por uma educação para os direitos humanos. Nesse espaço, coloquei em prática as proposições de Audre Lorde (2019, p. 53, grifos da autora):

[...] o mais importante para todas nós é a necessidade de ensinarmos a partir da vivência, de falarmos as verdades nas quais acreditamos e as quais conhecemos, para além daquilo que compreendemos. Porque somente assim podemos sobreviver, participando de um processo de vida criativo e contínuo, que é o crescimento.

Ensinar como via de libertação assim como aprendi com Bell hooks, Audre Lorde, Paulo Freire, Nilma Lino Gomes, Jorge de La Rosa e tantas(os) outras(os) educadoras(es) que encontrei pelo caminho, seja nas teorias seja nas escolas, ONGs, universidades que passei é o que me move. A experiência de vestir a pele-professora

¹⁴ A Amurt-Amurtel é uma Organização da Sociedade Civil que executa projetos de Educação, Assistência Social e Direitos Humanos há 30 anos no Brasil.

na Amurt foi potente e me permitiu enxergar que é possível transpor as pesquisas e teorias para a sala de aula. Pensar, dessa forma, em diálogo com Paulo Freire (1967) e enxergar nos oprimidos as vias para sua própria libertação. Dessas andanças compartilho um registro do que me impulsiona na educação – pensar uma sala de aula plural, questionadora da ordem patriarcal, racista, colonial:

Figura 3 – Recriando nomes de ruas



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Andei por muitos espaços, conheci realidades que me impulsionam sempre a entender onde estão elas, articular a pesquisa histórica com a educação e o ensino de história. Também do desejo de me reconectar com a escrita íntima de autoria feminina, nasceu o interesse de pesquisar Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis, seus escritos íntimos e entender como através desses escritos posso articular saberes feministas para uma prática docente engajada com a emancipação das mulheres.¹⁵

Relembrar todo esse trajeto até meu encontro com a pesquisa de mestrado e a significação de tornar-me autora, escritora, mestranda e professora-pesquisadora remete aos estudos autobiográficos me conectar com a minha própria narrativa, por

¹⁵ Minha dissertação se encaixa junto a uma das pesquisas de minha orientadora que se intitula, “Em memória delas! Artesãs de palavras e de projetos por vida digna na experiência que ensina”, que faz parte novo Programa de bolsas do CNPq, Edital 25/2021. O título do projeto do PPGEDu da PUCRS é, “O campo da Educação em transformação: fundamentos, políticas e práticas” e iniciou o financiamento em agosto de 2021, sendo que a bolsa que hora está sob minha responsabilidade, era anteriormente do mestrando Sabino Tobana que defendeu sua dissertação, em julho de 2022 e portanto iniciei com a bolsa CNPq em setembro de 2022.

isso considere importante construir esse exercício autobiográfico de como fui construindo corpo e peles até chegar aqui.

Na próxima seção registro os precedentes dessa pesquisa. Meu processo de tornar-me professora-pesquisadora esteve inserido em um contexto de uma pandemia mundial de um novo vírus – Covid19, demarcado pelo estilhaçamento da vida, uma crise política, econômica e ideológica das quais dialogarei a seguir.

2.3 Contextos da pesquisa

Considero importante situar essa escrita em um contexto demarcado no avançado neoliberalismo marcado pela mercantilização da vida. A trajetória transcorrida até aqui esteve inserida pela realidade marcada por uma pandemia mundial de coronavírus (Covid-19) que afetou aspectos da vida política, social, econômica, educacional e tantos outros temas ainda não reconhecidos.

Segundo dados do Portal de Saúde do Governo Federal, em agosto de 2023 registramos o número de 705.170 mortes no Brasil¹⁶. Além das mortes, a pandemia e as insuficientes e irresponsáveis ações que o Estado Brasileiro durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro produziram um aprofundamento das desigualdades sociais econômicas e educacionais. A partir do estudo mundial When School Shut¹⁷ que foi divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a pandemia acentuou a desigualdade de acesso à educação entre meninas e meninos:

La posibilidad de que las niñas y los niños accedan, participen y disfruten del aprendizaje a distancia depende en parte de las normas y expectativas de género. En los contextos más pobres, el tiempo de las niñas para aprender se vio restringido por el aumento de las tareas domésticas y la participación de los niños en el aprendizaje se vio limitada por actividades para generar ingresos. En muchos contextos, las niñas tuvieron dificultades para participar en las modalidades de aprendizaje a distancia digital debido al acceso limitado a los dispositivos con acceso a Internet, a la falta de competencias digitales y a las normas culturales que restringen su uso de dispositivos tecnológicos. Las mujeres docentes informaron de niveles más elevados de estrés relacionados con el mayor uso de la tecnología para la enseñanza. (UNESCO, 2022 p. 14).

Nesse sentido, essa dissertação comporta como pano de fundo uma

¹⁶Dados do portal Coronavírus Brasil. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

¹⁷ Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379270>.

acentuação das desigualdades educacionais e a urgência de pesquisas relacionadas a educação para promoção de igualdade entre os gêneros.

De acordo com o Instituto Maria da Penha¹⁸, em pesquisa de 2019, a cada dois segundos, uma menina ou mulher é vítima de violência física. Esses dados tornam-se cada dia mais assombrosos. Os homicídios de mulheres entre o primeiro trimestre de 2019 e o mesmo período de 2020, tiveram um aumento variando de 19% a 100%. Esse cenário se repete em outras esferas. Além das violências físicas e dos feminicídios, a pesquisa feita em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁹, evidencia o quão latente são as desigualdades de gênero. Indicadores sociais mostraram que, no Brasil, as mulheres ocupam apenas 37,4% dos cargos gerenciais. Ademais, nessa mesma pesquisa foi evidenciado que as mulheres receberam 77,7% ou pouco mais de $\frac{3}{4}$ do rendimento dos homens. Além desses dados existem outros atravessamentos sociais²⁰ que intensificam ainda mais essas violências sofridas por mulheres como raça, etnia, classe social, identidades de gênero, orientação sexual etc.

Segundo os estudos feministas com recortes marxistas, latino-americanos, populares e negros, existe uma estrutura patriarcal que engendra e mantém as desigualdades de gênero, estruturas essas que observo, são analisadas pelos estudos de pensadoras negras brasileiras como Lelia Gonzalez (2020), Beatriz Nascimento (2018), Petronilha Gonçalves da Silva (1998) e Nilma Lino Gomes (2019), e de estudiosas brancas como Heleieth Safioti, (1978), Silvia Federici (2004) e Gerda Lerner (2022).

Os diagnósticos das desigualdades de gênero gestadas e mantidas pela sociedade patriarcal, tem se mantido em denúncia desde que o movimento feminista conseguiu estabelecer estudos sistemáticos.

Todo esse contexto de subjugação e domínio opressivo, segundo as leituras que tenho feito, é reproduzido por meio de um sistema educacional excludente desde

¹⁸ Fonte: Instituto Maria da Penha. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/> Acesso: 15 ago. 2021.

¹⁹ Censo Brasileiro de 2019. Rio de Janeiro: IBGE, Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-porcor-ou-raca.html>. Acesso em: 13 out. 2021.

²⁰ As desigualdades sociais são complexas e inserem-se em diversas teias de poder. Ou seja, a identidade política e social “mulher” engloba uma série de outros atravessamentos e não dá conta de explicá-lo somente a partir de um prisma. Por isso a importância do Feminismo negro e dos movimentos LGBTQIA+ que amplificam o debate evidenciando que existem várias outras demandas associadas a demanda de ser mulher.

os primórdios da História do Brasil (Narvaz, 2013)¹⁹. Isso é, a primeira lei sobre educação das mulheres surgiu apenas em 1827, que permitiu que elas frequentassem escolas elementares. Em 1879 foram permitidas a ingressar no ensino superior após autorização de D. Pedro II. Apesar disso, segundo Heleieth Safioti (1978, p. 95) o rígido sistema de constrangimento físico e moral do elemento feminino, criado e mantido pelo androcentrismo da família patriarcal, marcou profundamente a vida e a mentalidade da mulher brasileira e afastando-as dos estudos. Segundo Narvaz (2013, p.98) em 1907, as mulheres ainda eram apenas 0,24% de estudantes do Ensino Jurídico, 3,63% do Ensino Médico e Farmacêutico e 0,47% do Ensino Politécnico.

Disso vimos intensas lutas por educação para as mulheres. Nísia Floresta, professora e escritora brasileira foi uma das precursoras dessa luta. Em 1838 fundou o Colégio Augusto e com ele começou a romper com uma lógica de exclusão das meninas dos espaços de saber. Nísia estava propondo uma nova pedagogia pautada na igualdade de acessos.

Atualmente, os dados de violência e a pouca representação das mulheres em espaços de poder e saber refletem a urgência de investigarmos quais posturas acabam por manter essa realidade e sobretudo, questionar como as aulas de História podem contribuir para a formação de uma educação cidadã para meninas e mulheres que potencialize suas identificações e evidencie o caráter construído das normas sociais que mantêm a estrutura social tão desigual.

Sendo assim, essa pesquisa versa sobre a potência do ensino de História na constituição de uma sociedade mais igualitária, menos sexista, e, sobretudo, visa refletir sobre a importância de um ensino de história crítico e reflexivo sobre as memórias e discursos entendendo-os como produtores de realidades. Loraci Hofmann Tonus (2014, p. 3) aponta que:

Ao longo da trajetória humana, a consagração dos determinados modos de pensar o mundo deu-se invariavelmente da mesma forma: pela repetição do discurso. Um discurso repetido por diferentes sujeitos individuais dotados de certa influência tem a capacidade de interferir no modo de pensar e agir do sujeito coletivo. Como cada época apresenta um conjunto de palavras-chave capazes de exprimir a ideologia hegemônica, é preciso, para que a hegemonia se estabeleça, repeti-las até que sejam absorvidas e passem a fazer parte do senso comum [...] o poder de alguns discursos é capaz de atravessar os séculos praticamente intocados. É o caso, por exemplo, daquele que preconiza o preconceito sexista a respeito da capacidade intelectual e moral das mulheres. Consideradas inferiores e acusadas de conduzirem a humanidade ao pecado por homens com forte poder de argumentação, como Santo Agostinho, por exemplo. As mulheres sofreram o assujeitamento ao universo predominantemente masculino.

Nessa dissertação adentro o movimento de aprofundar uma ética docente que coloque em primeiro plano a pluralização de sujeitos nas salas de aula e que investigue o quanto uma educação acrítica pode servir de sustentáculo para desigualdades que foram fundamentais na formação de uma sociedade patriarcal e androcêntrica

Flavia Biroli (2018) aponta que o acesso à educação, ao mercado de trabalho remunerado, a profissionalização e a ampliação da participação das mulheres na política institucional constituem-se como instrumentos de efetivação da democracia.

Percebo, dessa forma, a tessitura complexa desses movimentos e a necessidade de demarcação dos diversos recortes de raça e classe que diferenciam as experiências de mulheres que não sofrem as opressões do patriarcado, do capitalismo e do racismo da mesma forma. Nesse sentido, Biroli (2018, p. 33) aponta para a predominância de homens brancos e de uma elite econômica e intelectual dominando a política institucional e os espaços que as mulheres ocupam tem sido cada vez mais reivindicados por mulheres que não representam as lutas feministas, antirracistas, anticapitalistas, etc, mas, pelo contrário, reproduzem a ordem patriarcal inflando os discursos conservadores. Nessa via, é urgente a compreensão e ação de políticas e reivindicações que estejam articuladas ao feminismo negro e comunitário e que produzam uma representação na política institucional de fato propo,sitiva as causas sociais.

Nesse sentido, a intencionalidade transversal dessa pesquisa está relacionada ao incentivo à difusão dos protagonismos femininos na História. Entendendo a imersão no espaço privado e doméstico por meio das análises autobiográficas como um movimento capaz de evidenciar experiências femininas autorais e produzir na sala de aula um sentimento de representatividade e empoderamento. E, sobretudo, a interlocução desses elementos a fim de refletir acerca da falta de representações do feminino na História e seus impactos na produção de identidades históricas androcêntricas. Michelle Perrot aponta que as mulheres têm sido "sombras tênues" na representação que a historiografia tradicional sistematizou ao longo dos tempos. E segundo a historiadora:

[...] essa ausência de narrativas se amplia para o domínio das "fontes". No século XIX, por exemplo, os escriturários da história - administradores, policiais, juizes e padres, contadores da ordem pública - deixam bem poucos registros que dizem respeito às mulheres, a categoria indistinta, destinada

ao silêncio (Perrot, 1998, p. 9).

A ausência de narrativas por parte de mulheres foi um mecanismo que sustentou a ordem patriarcal e androcêntrica por séculos e, como aponta Gerda Lerner (1993, p. 43), que atrasou o desenvolvimento de uma consciência feminista, pois como evidencia a autora, as mulheres desconheciam que outras mulheres haviam produzido autorias, pesquisas e estudos, portanto um legado feminino para a história.

Pensar a sala de aula é, necessariamente, teorizar sobre um espaço de disputas. O que se ensina e se aprende está engendrado em um discurso de que há uma neutralidade a ser alcançada e as educadoras tornam-se o alvo principal dessas disputas. Dessa forma, os estudos feministas e de gênero constituem categoria fecunda para análise desses cenários de disputas acirradas pelo que se ensina e se aprende em sala de aula.

Nesse sentido, podemos perceber que existe um apagamento e silenciamento histórico das mulheres em uma totalidade de espaços, mas, sobretudo, nos espaços públicos e de saber. Em uma premissa que o saber delas era a-histórico, banal. Termos essas memórias historicizadas faz com que ocorra uma erradicação dessas naturalizações. Isso se faz possível ao refletirmos sobre o seu caráter histórico, construído dentro de uma complexa teia de poderes. Historicizar essas ausências têm a ver com mapear e entender a gênese dessa realidade marcadamente violenta vivida pelas mulheres. Com isso entendemos também o cenário onde essas dinâmicas de relações sociais que orientam o modo de ver e tratar a violência de gênero foram engendradas para que assim possamos historicizar e desnaturalizar tais omissões e silêncios de forma a se opor a lógica patriarcal que considera essas omissões, silenciamentos e violências algo a-histórico, banal e natural (Segato, 2016).

Circunscrevendo-se, nesse contexto, também existe um amplo movimento de pesquisas que se atualizam no Brasil nos últimos anos e compõe uma frente de disputas por espaços de fala, escrita e produção mais democráticos e igualitários. Nesse sentido, nessa dissertação aprofundi a atualidades dessas pesquisas nos últimos anos, conforme demonstro na seção a seguir.

2.4 A atualidade dessa pesquisa nos últimos anos no Brasil

Maria Teresa Santos Cunha (2007) aponta para as atualizações das pesquisas autobiográficas no campo historiográfico nos últimos anos. Segundo a autora, os

diários e escritas íntimas que antes ficavam restritos aos estudos dos campos literários passam a conquistar espaço, ainda que lentamente, nas pesquisas enquanto fonte histórica. Os diários passam, dessa forma, a representar novos significados no tempo presente:

Produzidos e guardados, em segredo, em baús e caixas, materializados em papel e tinta, os diários eternizam, em folhas amareladas pela passagem do tempo, ideias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres: representações de um outro tempo, elevando a significados/produzindo sentidos à ordem do existente [...] Neles, a visão do sujeito comum/ordinário adquire importância e as ações da experiência cotidiana estão sendo cada vez mais valorizadas, já que a conjuntura atual testemunha uma volta do eu significante, visível pela profusão de escritos biográficos e autobiográficos (Cunha, 2007, p. 46).

A imersão no universo de pesquisas relacionadas ao tema possibilitou uma produção e sistematização de artigo, livros e projetos relacionados ao uso de autobiografias em sala de aula. O reconhecimento de teses e dissertações relacionadas ao assunto foram de vital importância para a teorização da temática em si.

Exponho aqui os resultados do meu processo de busca e construção do Estado do Conhecimento ou Estudo dos Movimentos dos Conceitos. As palavras descritoras utilizadas para a construção do estado de conhecimento foram: “Nísia Floresta”, “Maria Firmina dos Reis”, “ensino de História, autobiografias e estudos feministas”, “pesquisa autobiográfica e educação”. Essas palavras foram pesquisadas na plataforma Scielo, no Google Scholar, na BDTD e plataforma Capes. Ao total encontrei onze dissertações, dez teses e vinte e nove artigos, conforme segue exposto.

Estabeleci alguns diálogos importantes para o desenvolvimento da pesquisa, em especial com duas teses que foram basilares no meu processo de entendimento e reconhecimento do campo teórico que estou inserida. A tese de Calila das Mercês, “Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea”, defendida em 2021, apresenta os movimentos de pessoas negras, sobretudo mulheres negras – escritoras, pesquisadoras e personagens – na literatura brasileira contemporânea. Além disso, produz um (re)mapeamento das obras de autoras como Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Mãe Stella de Oxóssi e Aline França, a fim de entendê-las em seu campo literário e social. Essa tese contribui como um farol para a minha escrita, na medida em que ensina importantes caminhos literários feito por autoras e discute

conceitos importantes como o de leituras afrodiaspóricas e ancestralidades na escrita ensinando o desprendimento das amarras coloniais na produção epistêmica. A outra tese é de Laissa Marra de Paula Cunha Bastos, a narrativa de Maria Firmina dos Reis: nação e colonialidade, defendida em 2020, investiga três obras de Maria Firmina: *Úrsula* (1859), *Gupeva* (1861) e *A escrava* (1887). A autora propõe a reflexão de que esses textos conversam com representações hegemônicas da ideia de nação brasileira, e ao mesmo tempo as desestabilizam ao introduzir perspectivas de grupos que não foram concebidos enquanto sujeitos nacionais, nomeadamente: indígenas, africanos, brasileiras/os negras/os e brasileiras branca. Nesse sentido, as reflexões de Laissa me deram pistas para investigar a obra *Álbum*, também de Maria Firmina, e reconhecer aspectos importantes de sua escrita e autoria.

Além das teses, o levantamento de dissertações também contribuiu para que eu pudesse entender meu processo de escrita e conhecimento do campo teórico. As dissertações que selecionei dialogam com as pesquisas autobiográficas e a difusão das autoras Nisia Floresta e Maria Firmina dos Reis, e, demonstram que pelo menos nos últimos doze anos essa temática tem se ampliado nas pesquisas acadêmicas.

A dissertação de Dayane Cristina de Freitas, com o título, "O tema e o problema: memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis (1987– 2019)" do ano de 2021, traz uma análise crítica em relação aos usos do passado e ao papel da memória histórica e contribui para ampliar o corpo de estudos sobre essa autora. A tese alerta que Maria Firmina e suas obras passaram por um processo de exclusão historiográfica e literária sendo reconhecida apenas no final do século XX, após a republicação por José Nascimento Moraes Filho, do seu romance *Úrsula*. Nessa linha destaco ainda, Alyanne Freitas Chacon com sua dissertação, "O discurso autobiográfico nos relatos de viagem de Nisia Floresta" defendida em 2011. Nela apresenta-se um aprofundamento dos relatos autobiográficos de Nisia Floresta. Contribui, dessa forma, para a construção de um diálogo relacionado a difusão das obras autobiográficas de Nisia, bem como para as possibilidades de aprofundamentos nesse campo de pesquisa. Chacon constrói uma escrita bastante complexa e consistente na sua análise da obra *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* (1857) demonstrando aspectos importantes da obra de Nisia Floresta como as subjetividades e visões de mundo da autora em seus registros de viagem. Além disso, propõe reflexões importantes sobre o apagamento sistemático das obras de Nisia Floresta da história da Literatura Brasileira.

Além das dissertações e teses, também produzi uma sistematização dos artigos produzidos nos últimos anos. Na seleção dos artigos, decidi buscar uma atualidade das produções dos últimos vinte anos visando perceber quais são os temas e recortes que se desenvolveram ao longo desses anos relacionados à escrita autobiográfica, ensino de história e as obras de Nísia Floresta e Maria Firmina. A escrita de Trindade parte de um local de incomodo com a estrutura excludente:

Esse incômodo e a entrada no curso de antropologia levaram-me a pensar como tecer nas malhas de uma sociedade marcadamente desigual outra história literária que traga das margens os inominados, os ausentes, aqueles que tendo nome foram apagados, aqueles que assim mesmo teimaram em escrever no tecido de dias e noites suas histórias, suas angústias e esperanças, suas palavras, suas lutas, seus diários, seus dizeres, suas dores e lamentos, sua vida, enfim, talvez seja essa a grande tarefa (Trindade, 2019, p. 4).

Em diálogo com Trindade, penso que o alargamento do campo de pesquisa, que propõe o reconhecimento de autorias excluídas, marginalizadas, subalternizadas é um movimento de reparação e reconstrução histórica. Demarca, dessa forma, um trajeto autoral onde pessoas reais, escrevem e são lidas por pessoas reais. A escrita autobiográfica constitui-se como um espaço de autorrecuperação.

A escrita de Trindade é de denúncia a uma estrutura literária e historiográfica que organiza seus clássicos de forma sexista, classista e racista. Ao mesmo tempo, sua escrita se revela como anúncio de uma produção literária tecida através das(os) escritoras(es) marginalizados e excluídos. Esse movimento, dialoga com as minhas proposições de pesquisa e investigação: demarcar um território autoral de reconhecimento de autoras e suas potencialidades.

Ao total selecionei nove dissertações, nove teses e vinte e três artigos para compor essas tabelas de referências. Esses números demonstram as diversas possibilidades de ampliação de pesquisas relacionadas ao campo. Essa sistematização do material evidenciou as possibilidades de diálogo entre pares e a necessidade de um aprofundamento nas pesquisas que vinculam Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta a seus escritos autobiográficos, já que é um campo ainda pouco investigado.

Nesse sentido, os estudos autobiográficos aqui apontados relacionam-se com essa dissertação na medida que construo meus passos nessa pesquisa através dos diálogos com esses estudos. Na próxima seção aprofundo a relação dos estudos autobiográficos e os seus desdobramentos nessa dissertação.

3 OS DESDOBRAMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa está inserida no campo teórico-metodológico autobiográfico com a perspectiva epistemológica feminista, entendendo que no campo de pesquisas autobiográficas a narrativa constitui-se como matéria de investigação, teorização e análise. Nessa pesquisa, as narrativas de duas autoras – Nísia Floresta através de sua obra "Itinerários de uma viagem a Alemanha" e Maria Firmina dos Reis através de sua obra "Álbum", foram investigadas como fontes de ancoragem para o ensino de história.

O encontro com o estudo narrativo ocorreu no meu percurso autoral de forma não-linear. Lembro do meu primeiro encantamento com a narrativa ser através das leituras que fazia de diários, cartas e relatos. Portanto, demarco esse itinerário com seu ponto de partida para o início da pesquisa narrativa inaugurado pelo encantamento que me levava a uma profunda curiosidade de enxergar outros textos, escutar, contar e escrever histórias. Esse contato foi no cotidiano da infância e eu já lia e me encantava pelo que se narrava nos textos e contos. O reencontro com a narrativa foi através da pesquisa histórica. Ao ingressar na graduação e na pesquisa histórica encontrei na pesquisa narrativa um desejo de saber mais, de (re)encontro. O encontro com a história oral me convocou um retorno para esse campo e uma reconfiguração dos meus horizontes de pesquisa. A narrativa e oralidade se apresentaram para mim como os instrumentos para perceber como as relações humanas ocorrem com o espaço-tempo. Nesse diálogo percebi as nuances da memória, esquecimento e lacunas que se apresentavam no curso da historiografia. A mudança de enfoque que Paul Thompson (2002, p. 28) escreve me chamou para esse trajeto de pesquisa:

[...] com a mudança do enfoque da investigação e com a abertura de novas áreas para ela; contestando alguns dos pressupostos dos historiadores e julgamentos por eles aceitos; reconhecendo grupos importantes de pessoas que haviam estado ignoradas, dá-se início a um processo cumulativo de

transformações. Amplia-se e se enriquece o próprio campo de ação da produção histórica; e, ao mesmo tempo, sua mensagem social se modifica [...] a história torna-se mais democrática.

A partir desse encontro com Thompson e com a história oral passei a retomar o desejo de pesquisar as narrativas. Nesse caminho encontrei a professora Edla Eggert e suas pesquisas no campo das autobiografias e dos feminismos. Nesse encontro fui surpreendida por um campo que conectava as minhas inquietações como estudante-pesquisadora-professora. As autobiografias se constituíram nesse percurso como ferramenta epistêmica para entender a pesquisa e a escrita de mulheres e, sobretudo, o meu encontro com os textos autobiográficos de Maria Firmina dos Reis e Nísia Floresta me foram um chamado para investigação narrativa. Nos textos de Maria Firmina e Nísia Floresta encontrei nuances que me faziam indagar as representações do texto, do relato escrito em primeira pessoa e os lugares que essa escrita poderia me levar. Por isso adentrei no mestrado em uma pesquisa que priorizasse o relato autobiográfico como via para recuperação/rememoração da história de mulheres. Assim, o curso desse itinerário até essa pesquisa narrativa passou por uma profunda curiosidade sobre o mundo que era sentida por mim até meu encontro com os campos de pesquisas autobiográficas que me possibilitaram perceber a secularidade dessas investigações. Maria Conceição Passaggi e Edla Eggert (2016, p. 195) apontam para a presença da narrativa no curso histórico:

[...] as narrativas, por sua quase infinita diversidade (histórica, literária, biográfica, autobiográfica, cinematográfica...), e por sua onipresença na história da humanidade, representam formas de manifestação inalienáveis do ser humano, onde quer que ele se encontre, não importando o momento de sua vida, e em qualquer tempo histórico. Nessa quase infinita diversidade, os seres humanos encontram nas narrativas biográficas e autobiográficas um modo próprio de ser e de contar a história de vida de outrem (biografia) e a história de sua própria vida (autobiografia), constituindo e constituindo-se enquanto seres sociais, racionais, líricos, históricos, místicos, políticos, artísticos, míticos.

As narrativas como apontam Passaggi e Eggert foram presentes na história a ponto de representar uma onipresença: estiveram nos contos, novelas, fábulas etc. A mudança de enfoque e de instrumentalização da narrativa é que passou a levantar suspeitas e menosprezos por campos de produção intelectual excludente. Em meados da década de 1980 as narrativas (auto)biográficas ainda são consideradas pelo campo acadêmico como produção “menor” justamente por apresentar subjetividades que ultrapassam o campo acadêmico (Passaggi; Eggert, 2016, p. 195). A história das mulheres passou a apropriar-se dessa onipresença da narrativa para pensar o

cotidiano delas e suas produções e, colocou em evidência o quanto o campo das narrativas biográficas e autobiográficas foi excludente. Como aponta Thompson (2002, p. 25) a maioria esmagadora das autobiografias publicadas são de um grupo restrito de líderes políticos, sociais e intelectuais. A busca das pesquisadoras feministas pelo íntimo, pelos não ditos, pelas memórias subjetivas foi uma forma de encontrar espaço para as produções de mulheres no campo das pesquisas e produções epistêmicas.

Maria Helena Menna Abrahão (2003) demarca a singularidade das pesquisas autobiográficas que possibilitam o protagonismo da narrativa associada a memória dos sujeitos. Maria Teresa Santos Cunha (2007) apresenta aspectos importantes sobre a profundidade dos registros autobiográficos e sua potência para estudar a vida ordinária, cotidiana. Edla Eggert e Marcia Alves da Silva (2011) apontam para o método autobiográfico como espaço onde pesquisas empíricas ou teóricas tornam-se comprometidas com a realidade social. Nas seções a diante construo um diálogo com as atuais pesquisas nos últimos anos no Brasil, demonstrando as possibilidades de ampliação do campo autobiográfico. Além disso, faço alguns apontamentos de como dissertação dialoga com o campo autobiográfico e proponho um cruzamento do autobiográfico com o conceito de autoatualização de bell hooks.

O campo de pesquisa autobiográfica tem se ampliado no Brasil nos últimos anos. Nesse sentido, nessa dissertação aprofundi a atualidades dessas pesquisas nos últimos anos, conforme demonstro na seção a seguir.

3.1 Os estudos autobiográficos e seus desdobramentos

Os estudos autobiográficos reconhecidos como método de investigação científica e relacionados ao campo de pesquisa educacional tem sua trajetória firmada na História recetado Brasil. Belmira Bueno (2006) produziu um levantamento de pesquisas relacionadas à autobiografias produzidas entre 1985 e 2003. A pesquisa constatou que somente a partir da década de 1990 as produções relacionadas a autobiografias ganharam uma maior dimensão entre as(os) pesquisadoras(es) brasileiras(os). Segundo Gilmar Wiercinski (2014) essa intensificação de pesquisas se deu, sobretudo, devido a influências de pesquisas europeias relacionadas ao tema autobiográfico e formação de professores que foram difundidas no Brasil.

Com isso, as graduações e pós-graduações brasileiras passaram a consolidar uma tradição de pesquisa autobiográfica de modo que se fez necessário a estruturação de Congressos Nacionais e Internacionais, Associações etc. para que consolidassem espaços de produção e diálogo entre pares. Fruto desse processo, temos O Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA)²¹, que nasceu em 2004 e desde então ocorre a cada dois anos. Além disso, em 2008 a criação da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph)²² veio fortalecer a reunião de pesquisadoras(es) autobiográficas. Em suma, esse campo teórico-metodológico foi sendo ampliado e consolida-se atualmente como uma importante frente de pesquisa no campo educacional.

A expansão desse campo é evidenciada pelos Congressos, Associações, revistas etc. Em especial a Revista Biograph publicada pela primeira vez no ano de 2016 e atualmente classificada como A4, é a representação mais significativa dessa modalidade metodológica na pesquisa em Educação.

Além do campo autobiográfico essa dissertação dialoga com o conceito de autoatualização cunhado pela teórica feminista bell hooks. Na seção seguinte proponho um diálogo com esse conceito.

3.2 A pesquisa autobiográfica e a autoatualização de bell hooks

Essa dissertação compreende a pesquisa bibliográfica e documental. Busco fazer um entrelaçamento entre os documentos das autoras em questão e as implicações metodológicas da pesquisa autobiográfica que se vincula com as narrativas e como um dos instrumentos de coleta de informações bem como com a memória, elemento basilar desse tipo de pesquisa. Além disso, está vinculada a proposição de bell hooks de pensar a pesquisa, investigação e educação como processos de transformação social comprometidos com a promoção da diversidade e justiça social:

[...] na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso

²¹ Website do Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA) disponível em: <https://ixcipa.biograph.org.br/>.

²² Website da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph) disponível em: <https://biograph.org.br/>.

amor pela liberdade (hooks, 2017, p. 50).

A pesquisa autobiográfica compõe esse movimento de transformação na medida que se vincula com a plurarização de vozes, relatos e epistemologias. Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2003, p. 79) define que:

a tese de que a memória do narrador (reconstrutiva da significação de suas vivências) e os instrumentos de análise e interpretação do pesquisador são elementos que se imbricam e complementam para melhor compreensão de dimensões da realidade pesquisada, tanto na perspectiva pessoal/social do narrador, como na perspectiva contextual da qual essa individualidade é produto/produtora.

Ainda segundo Abrahão, a pesquisa autobiográfica – entendida com suas facetas variadas entre histórias de vida, biografias, autobiografias, memoriais – utiliza-se de fontes narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários. As fontes da pesquisa autobiográfica trabalham conectadas com a memória, sendo o componente principal o qual as pesquisadoras trabalham estabelecendo possibilidades de análises para compreensão do objeto de estudo.

Ao assumir o uso dessas fontes e essa postura teórico-metodológica as pesquisadoras devem enxergar a realidade social como multifacetada e socialmente construída. Nessa tradição de pesquisa, entende-se que há necessidade de espaços para as subjetividades e para o inacabado no processo de pesquisa. Dessa forma, como aponta Maria Helena Menna Abrahão (2003), nessa vertente teórico metodológica não se pretende estabelecer generalizações estáticas, mas compreender o fenômeno em estudo, podendo permitir em casos uma generalização analítica.

A relação das pesquisas autobiográficas com a interpretação de dados se dá de forma distinta do método estruturalista que prevê uma análise até a exaustão de informações, ou como no método de interpretação hermenêutica que infere um texto pronto e acabado sendo a posição da pesquisadora a de ‘descobrir’ através de uma análise os espaços ocultos no texto. No processo das pesquisas autobiográficas, a interpretação de dados baseia-se numa concepção de ‘devir’. Isso é, as categorias de sujeitos e os elementos relevantes a pesquisa vão se construindo na relação das narrativas com o contexto. A realidade se dá na interlocução do texto com o contexto.

Através da compreensão de contexto os sujeitos re-atualizam e re-elaboram o sentido, as posições ideológicas coletivas dos processos da vida. Nesse sentido, tangencia a intencionalidade da instrumentalização dos escritos de Nísia e Maria com

a finalidade de produzir uma reelaboração do que se entende sobre autorias e escritas de mulheres e como elas podem contribuir para a transformação das aulas de história. Através da reflexão contextual abre-se espaço para a análise de quais elementos trazidos na escrita delas podem influenciar, inspirar e provocar tensões que promovam uma re-atualização do que se ensina e se aprende sobre as autorias femininas.

bell hooks (2017) propôs o conceito de “autoatualização” para as professoras e professores que abraçam as mudanças nas suas práxis pedagógicas. Ou seja, reconhecer a pedagogia da sala de aula como um processo engajado que exige uma constante reflexão da prática para que tudo que se ensina também se aprenda. Para ela, as professoras e professores que assumem a postura de se autoatualizar aprofundam as possibilidades de uma sala de aula plural ampliando os espaços para imersão de livres expressões e de narrativas multiculturais.

Os estudos relacionados a história oral bem como o intercruzamento com as teorias feministas interessam, para essa pesquisa, em costura com o autobiográfico e com a autoatualização. Entendo que é necessário encontrar vias para produzir uma pesquisa fundamentada nas autorias, teorias, epistemologias que priorizam autorias femininas nas suas memórias plurais e representativas. Para tanto, faço um detalhamento das contribuições desses campos para essa dissertação.

3.3 As contribuições da história oral no intercruzamento das teorias feministas

A potencialidade ética e prática dessa pesquisa dialoga com a premissa da história oral de humanizar os sujeitos históricos. Segundo os escritos de Santamarinas (1998, p. 123) a História precisa demonstrar a humanidade dos processos e pessoas:

(...) humanizar a la Historia, no hacer una Historia de datos, no hacer una Historia de procesos vaciados de gente, sino poner a la gente en la Historia, darle a la gente el derecho a su Historia y, además, demostrarle a las personas que no tenemos historias heroicas y maravillosas, que tenemos historias, que la mayoría de los seres humanos lo que tenemos es una historia que aparentemente es intrascendente, pero que tiene latrascendencia de ser la que constituye nuestra propia experiencia y eso es lo importante”.

Humanizar narrativas é devolver as pessoas o direito a sua História. Além desse diálogo com a história oral, também temos a premissa das teorias feministas que evidenciam que, se o “privado é político”, os registros em diários, cartas, memórias autobiográficas seguem o mesmo curso argumentativo.

A metodologia dessa pesquisa tem a pretensão de contribuir na reconstrução da humanidade da voz/experiência de mulheres, que, em seus relatos íntimos trazem os aspectos humanos, desejos, histórias, memórias. A escrita autobiográfica carrega a potência de reconfigurar a lógica do que se considera importante. A narrativa cotidiana substitui a narrativa heroica. O cotidiano torna-se o palco onde as memórias atuam e são visualizadas.

Daphne Patai (2010) demarca um movimento bastante importante ao relacionar as potencialidades da história oral, feminismo e política. Os apontamentos da autora são importantes e ensinam a perceber as subjetividades envolvidas no processo de pesquisa e que os resultados de uma análise partem de um ponto de intersecção entre duas subjetividades – a da pesquisadora e das participantes dessa pesquisa, atravessadas pelas visões culturais, memórias, percepções de si etc (Patai, 2010).

A investigação feminista e a história oral acabam por compor uma nova forma de relação com as fontes e os(as) sujeitos(as) das pesquisas. Ensina, dessa forma, a compreensão de que se existe um apagamento epistêmico da historiografia. A escrita feminina necessita de novas ferramentas epistemológicas e um alargamento do campo para que a experiência de autoras sejam reconhecidas. Segundo Silvia Salvatici (2005), a partir do encontro entre as pesquisas feministas e a história oral na década de 1980 ocorreu uma mudança crucial no acesso às subjetividades no mundo das pesquisas. Com isso a memória passou a constituir-se como elemento potente na constituição das análises do passado. Além das memórias individuais, as coletivas passaram a importar e o significado dessas memórias coletivas de grupos até então subalternizados. Como aponta Salvatici (2005, p.33) a atenção das(os) pesquisadoras(es) passou a estar mais direcionada para o modo como as histórias são narradas, lembradas ou esquecidas. Em suma, as interlocuções entre o campo feminista e a história oral me possibilitou compreender os estudos com a memória e o tensionamento desses estudos. Isso é, entender a memória como fruto de um processo discursivo que é moldada a partir do que se escuta, se enxerga, se lê, etc. Portanto, para que seja possível uma valorização das memórias de mulheres, entendo como necessário o aprofundamento das pesquisas nas obras de autoria delas. Nesse ponto a pesquisa autobiográfica converge com o campo da história oral e coloca em primeiro plano o movimento de ouvir/ler as autoras através de seus relatos e produzir, dessa forma, uma construção identitária decolonizada.

Nesse movimento de construção de um pensamento decolonizado, produzo a

seguir um diálogo entre os feminismos decoloniais que possibilitam outros diálogos pedagógicos e ampliam minhas possibilidades de pensar uma sala de aula transformadora.

3.4 Feminismos decoloniais desencadeadores de outros diálogos pedagógicos

Abya Ayla, era o nome que os povos originários chamaram nossa terra. Significa²³ “terramadura” ou “terra viva” na língua do povo Kuna originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia. É sinônimo de América, nome imposto pelos invasores europeus no período colonial. A colonização das nossas origens parte, inclusive, do nome pelo qual chamamos nosso território. Catherine Walsh (2017) denomina esse processo de “renomear” esse território para América como um dos primeiros atos políticos de apagamento colonial das nossas origens. Apesar da estrutura colonializada de apagamento epistêmico, os povos originários e afro diaspóricos demonstraram insurgência, rebeldia e resistência frente a esse epistemicídio vivendo decolonialmente mesmo com o colonialismo.

Essas lutas decoloniais fazem parte de um processo de longa duração e o pedagógico se entrelaça com o decolonial quando pessoas indígenas, negras, faveladas, mulheres continuam produzindo, autorando, criando como ação política para continuarem existindo. O movimento de resistência ao colonialismo, parte de uma postura ancestral de olhar para os que vieram antes, seus ensinamentos e ações e perceber como esses sujeitos em seus tempos resistiram a ordem colonial.

Os feminismos decoloniais, nesse diálogo, desencadeiam esse movimento entre as mulheres: perceber que outras vieram antes de nós, semearam esse chão com teorias, histórias, palavras e através disso resistiram a ordem opressora de apagamento. Com elas e por elas podemos, pedagogicamente e coletivamente continuar produzindo um debate decolonial. Grada Kilomba (2008, p. 28) ensina a potência de pensarmos numa racionalidade feminista frente a uma racionalidade colonizada:

Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como ato político. [...] enquanto me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do

²³ De acordo com o Instituto de estudos latino-americanos. Definição disponível em: <https://iela.ufsc.br/projeto/povos-originarios/abya-yala/>.

que o projeto colonial predeterminedou.

Em convergência com Grada Kilomba, entendo que o feminismo decolonial abre caminhos para uma pedagogia libertadora, que está pautada na pluralização dos sujeitos em sala de aula e no reconhecimento de histórias individuais e coletivas que inspiram resistência, pertencimento, emancipação. Quando tornarmos a sala de aula um espaço plural e autorreferenciado em autoras e autores latino-americanos, indígenas, negras(os), mulheres ou sujeitos que foram insurgentes em seus tempos estamos abrindo espaço para a resistência ao projeto decolonial de epistemicídio através da construção de um espaço pedagógico de valorização das memórias para que os oprimidos possam se enxergar em outra posição: a de autores e, portanto, autoridades.

Pensar na escrita feminista e decolonial é produzir teorias comprometidas com uma reflexão intelectual transformadora e questionadora da ordem colonizada que engendra e mantém uma estrutura racista, sexista, patriarcal. Nesse processo, os feminismos decoloniais são desencadeadores de diálogos pedagógicos profundos e críticos de um sistema homogeneizador, que considera a diferença uma ameaça ao sistema.

Por isso o compromisso com a transformação da lógica hegemônica de produção de desigualdades, conforme apontam Ana Paula B. Zeifert e Vitória Agnoletto (2019, p. 201):

O pensamento decolonial objetiva, portanto, realizar um processo de descolonização do saber. Assim, o cerne da questão é abrir as possibilidades de (re) construção das histórias e dos saberes silenciados pela razão e pela lógica eurocêntrica. Essencialmente, a ideia por trás disso se expressa mediante a busca pela diversidade epistêmica e pelo empoderamento do saber e ser de grupos, comunidades e movimentos sociais que foram reprimidos e silenciados pela lógica da colonialidade.

Walsh (2017, p. 29) define pedagogia e pedagógico como algo que perpassa o sentido instrumentalista do ensino e, está para além dos espaços escolarizados. A pedagogia é um processo metodológico indispensável dentro das lutas sociais, políticas, ontológicas e epistêmicas de libertação. Por isso, o feminismo decolonial é elemento pedagógico na medida que convoca a mudança das condições de dominação e opressão. Desencadeia, dessa forma, diálogos com uma pedagogia transgressora que perturba a ordem colonializada. Por isso, nessa escrita dialogo com Walsh (2017) e Freire (1974) na busca por uma pedagogia crítica e decolonial que provoque outras leituras de mundo e interfiram tanto na sociedade a ponto de

transforma-la.

Para que seja possível um rompimento com essa estrutura colonizada é preciso vislumbrarmos outros mundos, pautados e construídos com a história da nossa gente. Frantz Fanon aponta para a direção de descobrirmos a nossa própria humanidade – uma humanidade decolonizada e desprendida da dependência colonial:

[...] camaradas, não paguemos tributo à Europa criando Estados, instituições e sociedades que nela se inspirem. A humanidade espera de nós uma coisa bem diferente dessa imitação caricatura¹ e, no conjunto, obscena. Se desejamos transformar a África numa nova Europa, a América numa nova Europa, então confiemos aos europeus o destino de nosso país e eles saberão fazê-lo melhor do que os mais bem dotados dentre nós. Mas, se queremos que a humanidade avance um furo, se queremos levar a humanidade a um nível diferente daquele onde a Europa a expôs, então temos de inventar, temos de descobrir. Se queremos corresponder à expectativa de: nossos povos, temos de procurar noutra parte, não na Europa. Mais ainda, se queremos corresponder à expectativa dos europeus, não devemos devolver-lhes uma imagem, mesmo ideal, de sua sociedade e de seu pensamento, pelos quais eles experimentam de vez em quando uma imensa náusea. Pela Europa, por nós mesmos e pela humanidade, camaradas, temos de mudar de procedimento, desenvolver um pensamento novo, tentar colocar de pé um homem novo (Fanon, 1968, p. 274-275).

Sonhar, criar e teorizar um mundo decolonializado é um movimento basilar no campo feminista, vislumbrar, dessa forma, um mundo novo e epistemologicamente construído com narrativas auto situadas. Fanon (1968) escreve sobre a estrutura colonial que encurrala os povos originários, doutrina-os a não ultrapassarem os limites. Ele também ensina que os sonhos dos indígenas são sonhos musculares, sonhos de ação, sonhos agressivos frente a ordem que os quer inertes. A costura que faço com a leitura decolonial, feminista e os caminhos pedagógicos é que através disso precisamos continuar sonhando com aprendizagens insurgentes, decolonizadas. Sonhar com uma humanidade onde o colonizado não sonhe em sero colonizador, mas em se libertar.

Sonhar e criar uma humanidade outra – onde encontramos identificações e autorias de mulheres, é parte do movimento de ancorar-se. A categoria de ancoragem nasce nessa pesquisa como forma de nomear um processo ancestral de se reconhecer em outras mulheres que vieram antes. Entender, através dos passos, escritos, registros e achados delas quais foram seus instrumentos afetivos, ativos, epistêmicos para combater e sobreviver a ordem patriarcal, colonizada, racista etc. Na seção seguinte discorro sobre esse movimento de ancoragem e sua potencialidade para um ensino de história emancipador.

3.5 A categoria de ancoragem

Das inúmeras possibilidades de pensar a produção teórica, essa dissertação está fincada em solo feminista e de(s)colonial. Na intencionalidade de demarcar uma categoria de ancoragem - lembrar, nomear, visibilizar e através disso ancorar uma epistemologia feminista que traga um arcabouço de âncoras, autoras, intelectuais autorreferenciadas e autorrecuperadas.

Essas “âncoras” me convocam a pensar na ancoragem como uma categoria que, suspeito poder marcar e estudar a partir da ideia do movimento epistemológico e ancestral da volta para si e para outras autoras que teorizaram, produziram e romperam e, com isso criaram uma racionalidade feminista que fez e faz frente à racionalidade patriarcal. Estarmos à deriva é reprodutivo para a manutenção da ordem patriarcal, portanto contrariando essa lógica, encontramos âncoras e nelas nos situamos e nos fortalecemos enquanto categoria e na nossa existência. Essa categoria está em construção e, portanto, ensaia cruzamentos de leituras.

Rita Segato (2012) parece que se alinha a essa mesma reflexão quando teoriza sobre a construção de um pensamento interpelado pelo que fomos, somos e pelas fissuras abertas pelas mulheres inconformadas ao longo da história, nas quais foi possível desarticular a colonialidade do poder e, construir outras “epistemologias situadas”. A construção de uma sociedade de(s)colonial passa pela forma como situamos nossa história e narramos nosso passado:

Afinal o que é um povo? Um povo é o projeto de ser uma história. Quando a história tecida coletivamente, como os pontos de uma tapeçaria onde os fios desenham figuras, às vezes aproximando-se e convergindo, às vezes distanciando-se e seguindo em direções opostas, é interceptada, interrompida pela força de uma intervenção externa, este sujeito coletivo pretende retomar os fios, fazer pequenos nós, suturar a memória e continuar. Nesse caso, deve ocorrer o que podemos chamar uma devolução da história, uma restituição da capacidade de tecer seu próprio caminho histórico, retomando o tramado das figuras interrompidas, tecendo-as até ao presente da urdidura, projetando-as em direção ao futuro (Segato, 2012, p. 112).

Nesse sentido, retomar histórias e textos de mulheres do passado convoca para o processo de reconstrução e reparação histórica, trazendo as vozes do passado para que se tornem autoras e autoridades no tempo presente, e por meio disso, costurar uma memória plural e situada no chão que pisamos e ao mesmo tempo, nas nossas realidades como possibilidades latentes. Ao analisar os escritos de Nísia Floresta, “Itinerário de uma viagem à Alemanha” (1857) e Maria Firmina dos Reis, “Álbum” (1853

– 1901) buscarei aprofundar a “ancoragem consciente” desses conhecimentos no ensino de história emancipatório. Por isso, demonstro nasseções que se seguem a ancoragem relacionada a Nísia Floresta e Maria Firmina.

3.6 A hermenêutica feminista

O estudo da hermenêutica por definição de Wilhelm Dilthey (1900) é o corpo de ensinamentos sobre a arte da interpretação de monumentos literários. Assim Dilthey aponta que os movimentos de análise e compreensão oferecem para as ciências humanas a demonstração da possibilidade e dos limites do conhecimento produzido nesse campo. Retornar para a definição de Dilthey faz parte de um movimento teórico que escolho a fim de contrastar essa definição com as contemporâneas de hermenêutica e faz parte do meu movimento investigativo de entender como essa categoria se transformou até chegar no campo das pesquisas feministas. A partir dessa definição a hermenêutica é um exercício de limites – por meio dela verificamos os contornos que as teorias podem chegar.

Para Paul Ricoeur (1995) a hermenêutica integra três movimentos: métodos precisos com regras rigorosas, uma reflexão sobre a própria natureza do compreender, uma espécie de filosofia que apresenta como outra via da inteligibilidade, e, que pretende compreender as condutas científicas. A hermenêutica diz respeito a um exercício de interpretar e suspeitar.

Encontrar no texto os ditos e não-ditos, que colocam sob suspeita as produções. Nesse movimento se criam possibilidades de produção autoral e de reconhecimento de novos textos que nascem dessa análise. A hermenêutica feminista assume a lógica de investigar o texto como um exercício de suspeita. Eggert, Alves e Campagnaro (2021, p. 16) escrevem que a hermenêutica feminista ousa colocar sob suspeita a sistemática de exclusão e silenciamento das mulheres. Com isso convoca para o exercício de questionar:

Onde estavam as mulheres, depois buscam saber como estavam e viviam essas personagens para, então conseguir reunir elementos subsidiadores para suspeitar do contexto e do texto apresentados como neutros e universais.

Assim, a hermenêutica é um exercício de atualização dos textos a partir do contexto em que serão produzidas novas epistemologias, teorias etc. A suspeita constitui-se como movimento basilar nesse processo. (RE) Colocando a própria

pesquisa em movimento e apresentando brechas que “caíram” no silenciamento ou esquecimento. Michael Pollak (1989) escreve sobre esses desdobramentos da memória. Entre esses desdobramentos temos as brechas nos registros ocasionadas propositalmente ou não pelos “não ditos”. Não dizer, para Pollak, tem a ver com deparar-se com um contexto repressivo ou traumático que dificulta ou impossibilita as memórias de se tornarem registro. Dessa forma essas memórias se constituem como clandestinas:

o problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do "não-dito" à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização (Pollak, 1998, p. 9).

Cabe nesse diálogo, as perguntas: quais memórias saem da clandestinidade? Quais mecanismos hermenêuticos são necessários para propiciar que essas memórias tomem o palco das memórias “oficiais”? Penso, nesse movimento de desconfiar do texto, como uma forma de exercitar a escuta de memórias que ficam nas entrelinhas e precisam de gatilhos epistêmicos para virem à tona.

A memória é um mecanismo que precisa ser exercitado para estar vivo. Lelia Gonzales (2020, p. 70) convida a pensar “astúcias” que a memória comporta. Nesse sentido, a memória “fala através das mancadas do discurso da consciência”. Esse apontamento da autora é um fato que entendo como importante de interligar com a hermenêutica. Essas “mancadas” que Lélia se refere são os exercícios hermenêuticos de resgate nos textos, de suspeita ao ler e se deparar com vazios e não-ditos. Por isso, entendo que hermenêutica é um exercício epistêmico de convocação de memórias.

3.7 Hermenêutica feminista e a ancoragem no debate teórico-conceitual

Vislumbrar um caminho em que seja possível mapear as teorias, escritas e movimentos produzidos por mulheres faz parte de um campo que vem sendo construído a séculos por filósofas, teólogas, militantes, pensadoras feministas. Minha mãe foi a primeira mulher que conheci que lia a bíblia. Me lembro vividamente dela, com o livro sagrado nas mãos falando sobre Maria – mãe de Jesus. Contava que Maria havia tido uma vida ordinária, que era uma mulher como nós. Nos dizia que existia uma criação da virgindade, pureza, inocência de Maria. Mas que devíamos saber:

Maria era mulher como a gente. Lembro que minha bisavó Mazilda era a grande fonte do conhecimento bíblico da família. Minha mãe contava sobre ela e eu conheci a bíblia por meio de uma leitura feita por mulheres.

Encontrar o campo da hermenêutica feminista é como traçar um caminho de volta para casa, descobrir uma nova parte desse itinerário dos textos feministas. Parece que minha mãe e bisavó marcavam um ponto a retornar para quando eu chegasse até a pesquisa feminista. Nesse itinerário encontro na academia uma via que chama o meu saber familiar para um encontro com o saber teórico trançando esse saber com a experiência de ter uma orientadora que investiga a teologia feminista. A professora orientadora Edla Eggert me inspirou a cruzar minha experiência com a de outras mulheres-autoras sinalizando caminhos hermenêuticos que poderiam ser trilhados no itinerário desse campo. Por isso entendo que a hermenêutica e a pesquisa feminista estão relacionadas a categoria do Retorno, um retorno que é teórico, epistêmico e ancestral – nos textos de filosofas, teólogas, pesquisadoras, mas também retorno ao privado, a memória que surge enquanto escrevo e leio sobre a pesquisa feminista. Esse retorno causa um estranho sentimento de desconhecido que se aproxima, e, se aproxima de tal forma, que se torna uma memória familiar.

A abordagem feminista da bíblia tem registros a partir da publicação em 1895 da *Bíblia das mulheres*, escrita por Elisabeth Cady Stanton. Nessa obra Elisabeth investiga os usos da bíblia como um livro de regulamentação e controle das mulheres. Ela destaca, dessa maneira, a rejeição feminina presente na Bíblia sagrada: A Bíblia ensina que a mulher introduziu o pecado e a morte no mundo, que ela precipitou a queda da raça, que ela foi chamada ao trono de julgamento no céu, foi julgada, condenada e sentenciada. O casamento para ela deveria ser uma condição de servidão, a maternidade um período de sofrimento e angústia, e, em silêncio e submissão, ela deveria desempenhar o papel de dependente do homem em todas as necessidades materiais. Para qualquer informação que desejasse em questões vitais, ela deveria perguntar ao seu marido em casa. Esta é de forma abreviada a posição da Bíblia em relação às mulheres (Stanton *apud* Deifelt 1992, p. 8)²⁴. A partir dessa crítica surgem outros desdobramentos que possibilitam fazer com que estudiosas investiguem a bíblia como um documento potente a partir da articulação com o viés feminista. Nesse sentido, o desenvolvimento de uma hermenêutica feminista negra

²⁴ A opção de citar em *apud* se deu pela impossibilidade de encontrar o texto original.

aparece como possibilidade de reconfigurar a lente e observar esse documento para além do prisma masculino e patriarcal.

Assim, quando pensamos a realidade das mulheres negras, conforme aponta Maricel Mena López (2005) a hermenêutica feminista negra, passa a investigar a participação ativa dessas mulheres e grupos marginalizados em estudos de textos sagrados, entendendo esse resgate como ferramenta de libertação.

Para continuidade dessa reflexão penso na articulação desses saberes – na potência do que foi para mim conhecer a bíblia por meio da releitura de minha mãe da travessia que foi possível fazer e do porquê me identifiquei com Maria relacionada com sua vida simples de um cotidiano conhecido para mim. A pesquisa nos autobiográficos é um movimento de encontrar essas releituras do cotidiano. Perceber que as mulheres já produziam teorias no entorno de suas vidas produzidas em suas casas e, as que conseguiram escrever, criavam estratégias de sobrevivência nas entrelinhas dos seus textos com características da contação e da oralidade. Pegar o texto nas mãos, lê-lo, interpretá-lo e contá-lo observando as entrelinhas como uma forma de subverter o que foi dito e contar um saber da experiência. **

Maria Firmina e Nísia Floresta surgem nessa pesquisa como mulheres que me provocaram identificações. Ambas professoras e mulheres de luta que demarcavam com sua experiência uma relação de amor com o texto. O amor nesse caso como uma categoria de ação como a que propõe bell hooks: a começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assumira responsabilidade e comprometimento [...] Precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor — partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor. A escrita para Maria Firmina e Nísia Floresta cumpriu um papel de via, criação de rotas e que delineavam um outro mundo. Suas escritas autobiográficas foram uma espécie de formação de um corpo livre, desejante por meio das palavras. Assim tenho imergido no exercício da palavra e para onde ela me leva. Há um estranho particular nesse movimento – ao passo que leio o Álbum e Itinerários me desloco para um outro mundo. Como se essas escritas autobiográficas fossem uma espécie de brecha. Desse sentimento me surgem outros – qual brecha é necessária para que as mulheres possam escrever? No intervalo dos dias? Nos fluxos das segundas, entre um trabalho e outro. A escrita feminina é uma descarga – daquilo que transborda dos dias.

4 A ANCORAGEM DO DEBATE TEÓRICO COM O ENSINO EMANCIPADOR DE HISTÓRIA

A categoria de ancoragem nasce aqui nessa escrita como uma tradução autobiográfica do meu vivido ao encontrar autoras e da sensação reparadora e me sentir ancorada, de enxergar que no suposto vazio da história das mulheres existe um universo a ser conhecido da produção delas. A ancoragem foi o movimento que me trouxe para a pesquisa feminista e despertou em mim a capacidade de me enxergar como autora, professora-pesquisadora.

Esse percurso autoral que construo aqui é feito através das autoras-ancoras, das professoras-ancoras, da minha mãe-avó-irmã-ancora, e tantas outras mulheres que despertaram em mim a sensação de saber para onde voltar quando eu estivesse perdida, a deriva. Essa sensação é transformadora e potente na medida que estamos perdida, a deriva, sem instrumentos afetivos e epistêmicos nos faz entrar para um campo de dependência – teórica, histórica, emocional, econômica etc. Ter ancoras é saber que a experiência opressiva de ser mulher em um sistema patriarcal e androcêntrico é compartilhada. Mas a experiência de resistência a essa opressão também. Por isso, precisamos conhecer o que as mulheres produziram, criaram e romperam em seus tempos. Esse reconhecimento de produções autorais de mulheres passa pelo que Audre Lorde (2000, p. 52) chama de compromisso com a linguagem:

Cada uma de nós está aqui hoje porque, de uma forma ou outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo.

Transformar linguagem em ação, em proposição prática, teórica, epistemológica é a via de sobrevivência das palavras, autorias e da nossa existência. Em diálogo com Audre Lorde, entendo que só assim podemos sobreviver.

Ancoragem é expressa também através das produções artísticas como na

música “Não precisa ser Amélia”²⁵ da rapper Bia Ferreira²⁶ (2019):

Estrela que brilha, clareia a trilha
 Ilumina e guia o meu caminhar
 Alumeia um pouquinho esse meu caminho
 Me dê uma luz, tá difícil enxergar
 Quanto mais eu ando, mais escuro fica
 Me dê uma dica pra poder seguir
 Não sei o que faço
 Se ando, se paro, se corro, se sigo, se fico aqui
 Tome minha boca pra que eu só fale
 Aquilo que eu deveria dizer
 A caneta, a folha, o lápis
 Agora que eu comecei a escrever
 Que eu nunca me cale (álbum Igreja Lesbiteriana, um chamado).

Bia Ferreira demonstra em seu rap a potência de ter referências, de busca por essas ancoragens. E, através das referências vamos nos constituindo enquanto possibilidade de potenciais criadoras, como porta-vozes de lutas. Assim, o processo de escrever é carregar através das palavras, teorias e pesquisas um movimento ancestral de ruptura com silêncios e apagamentos.

4.1 A ancoragem do conhecimento histórico do tempo de Nísia e de Maria Firmina

Das tantas costuras feitas até aqui, passo a uma nova emenda, que dará sustentação para que minha peça-projeto cresça e ganhe corpo. A escolha de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis como autoras-âncoras foi uma decisão baseada na inspiração – olhar para o passado e enxergá-las enquanto potência de enfrentamento e resistência à ordem patriarcal. Ambas as autoras estão situadas no contexto do século XIX e demarcam com suas existências a resistência a um contexto escravocrata, misógino e excludente com grupos sociais que não fizessem parte da elite de homens brancos.

O século XIX é, como aponta Alyanne Fraga (2011), marcado pelas transformações literárias e berço de grandes clássicos da literatura brasileira como José de Alencar, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves etc. Contudo, a definição desses clássicos e seu extenso espaço no campo literário demonstra um

²⁵ Disponível em: <https://music.youtube.com/tasteprofile>.

²⁶ É uma rapper, cantora e compositora, brasileira. Bia Ferreira define sua música como "MMP - Música de Mulher Preta". É uma artista potente e, compõe a luta feminista e antirracista através de sua música.

apagamento e um não-lugar para as escritoras que raras vezes tornaram-se clássicas, mesmo tendo produções tão importantes quanto a dos escritores citados. Nas minhas experiências pelo campo feminista fui entendendo que existiram e existem tantas autoras soterradas, silenciadas, esquecidas que podem contar uma outra história sobre os contextos históricos. Como seria a história do século XIX contada através de clássicos escritos por mulheres? E se as escritas íntimas/autobiográficas pudessem atingir tamanha dimensão? Daqui partilho com a ideia de Audre Lorde (1969) de que nos lugares em que as palavras das mulheres clamam para serem ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, lê-las, compartilhá-las. Buscar a palavra, encontrar rotas, enxergar autorias que foram esmagadas epistemicamente e cartografar um novo caminho que nos leve a uma historicidade feminista, a um campo de pesquisas ancorado em autorias como as de Nísia e Maria e tantas outras que tem tanto a nos ensinar.

O movimento epistêmico que proponho aqui é de analisar suas autorias de forma intercruzadas, levando em consideração um viés interseccionado. Dessa forma, a imersão nos escritos íntimos dessas autoras se faz na intenção de desvendar, através das brechas da subjetividade e da escrita autobiográfica, elementos que possibilitem ancoragem para o ensino de história.

Como intencionalidade basilar desse processo, de hermenêutica feminista de recortes das obras de Nísia e Maria, está o esforço de pensar elementos únicos, potentes e transformadores nas autorias femininas e possibilitar uma democratização das obras que chegam nas salas de aula. Sendo assim, essa é uma dissertação teórica que investiga a hermenêutica feminista como via para análise. Tem o direcionamento de encontrar elementos nas obras dessas autoras para transposição didática. E, por isso, como já anunciei no item anterior, a ancoragem seguirá sendo amparo e desafio conceitual.

Nas próximas seções falarei sobre Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis e suas respectivas obras – Itinerário de uma viagem à Alemanha (1857) e Álbum (1853-1901) fazendo um diálogo com dissertações e teses que já pesquisaram essas autoras e propondo novas pistas a serem investigadas.

4.2 Nísia Floresta, "Itinerário de uma viagem à Alemanha" (1857)

Nísia nasceu em 1810 em Papari, interior do Rio Grande do Norte. Situada no

século XIX, viveu um contexto de poucas ou nenhuma possibilidade de acesso a educação para meninas e mulheres. Seu nome de batismo é Dionísia Gonçalves Pinto, mas adotou um pseudônimo cheio de significados para sua vida – Nísia (apelido de Dionísia), Floresta (uma referência ao sítio Floresta onde nasceu e cresceu) Brasileira (uma demonstração de seu nacionalismo)²⁷ Augusta (uma demonstração de afeto pelo seu esposo Augusto). Até seu nome foi pensado como forma de passar mensagens ao mundo, deixar marcar.

Viajante por essência conheceu várias partes da terra brasileira: Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e decidiu viver sua velhice na Europa onde passou pela Alemanha, Grécia, Portugal, Itália e, morreu na França em 1885 aos 75 anos (Duarte, 2010). Nísia fez da vida e do mundo um campo de descobertas e sonhou abrir espaços para que outras mulheres pudessem estudar, ler, criar, viajar, transformar o mundo.

Nesse contexto, como aponta Saffioti (2013), a educação era muito mais a educação da agulha do que a instrução. Dessa forma, compreender a inserção de Nísia no campo intelectual, suas alianças, suas obras, suas viagens é percebê-la enquanto desbravadora e disruptiva.

Suas obras – entre livros, artigos em jornais, poemas, autobiografias e cartas, demonstram uma série de pautas que Nísia defendia e, através da escrita questionava as injustiças que via no mundo. Reivindicava os direitos das mulheres e meninas a instrução intelectual²⁸, denunciava em seus poemas e artigos a revistas e jornais as violências do império com os indígenas²⁹ e articulava-se na pauta abolicionista³⁰. Ao total, Nísia escreveu quinze obras e em diversas línguas – português, francês, inglês e italiano (Duarte, 2010). Em todos seus textos, o fio que a conduzia a escrita era a transformação social e as viagens que fazia sempre eram um ponto de comparação para enxergar o mundo de outra forma e reivindicar outras realidades para os grupos minoritários de sua terra natal e, principalmente para as mulheres.

²⁷ Constância Duarte (2010) aponta que apesar do apreço pela nação, Nísia fazia duras críticas, sobretudo, acerca do atraso educacional.

²⁸ Em diversas obras Nísia reivindicou as questões da instrução das meninas e mulheres, contudo, a sua principal obra nesse campo foi publicada em 1832 intitulada como direito das mulheres e injustiça dos homens que foi fruto de uma tradução livre de *Vindications of the rights of woman* de Mary Wollstonecraft.

²⁹ No poema de 1849, *Lágrimas de Caeté*, Nísia denuncia a violência do império com os povos indígenas.

³⁰ Em 1854, Nísia publicou no jornal *O Brasil Ilustrado* o artigo “Páginas de uma vida obscura” denunciando as contradições do Império cristão ao manter os horrores da escravidão.

Nísia, contudo, foi estudada por poucos, não virou clássico da literatura brasileira e tampouco ocupou destaque no campo educacional. Nos últimos anos as pesquisas aumentaram e passaram a reconhecer a autora enquanto produtora de um longo e complexo conjunto de conhecimento. Em 1997, Adauto da Câmara publicou a obra “História de Nísia Floresta”. Essa foi uma das primeiras obras a sistematizar uma biografia mais aprofundada sobre a autora. A partir disso, Constância Duarte publicou, em 1995, como fruto de sua tese de doutorado, a obra “Nísia Floresta: vida e obra”. Constância é âncora nessa pesquisa e, sobretudo, no reconhecimento da autoria e obra de Nísia. A sistematização biográfica e análises historiográficas propostas por Constância ancoram a pesquisa que faço aqui, e, através dela, vou costurando outras peças nessa estrutura.

Representou pioneirismo em diversos campos de produção intelectual e é considerada uma das primeiras feministas do Brasil. Constância Duarte registra que Nísia foi uma das primeiras mulheres que se tem registro a sistematizar críticas contundentes à exclusão das mulheres do campo intelectual e educacional, bem como foi uma importante articuladora de lutas feministas que já vinham sendo consolidadas na Europa – como através da tradução livre que faz da obra de Mary Wollstonecraft, *Vindications of the rights of Woman*. Por isso, Constância reafirma a posição de pioneirismo de Nísia:

Se lembrarmos que nesse tempo a grande maioria das mulheres brasileiras vivia enclausurada em preconceitos, sem nenhum direito que não fosse o de ceder e aquiescer sempre à vontade masculina, mais surpreendente se torna sua iniciativa. A autora foi uma honrosa exceção em meio à massa de mulheres submissas, analfabetas e anônimas, e por isso costuma ser lembrada como a precursora do feminismo no Brasil e na América Latina, pois não existem registros de textos anteriores realizados com essas intenções (Duarte, 2010, p. 13).

Nesse aspecto, considero importante demarcar o significado de ancoragem vinculado à experiência de Nísia. Olhar para o passado, marcado por uma estrutura onde as mulheres não tinham garantias de instrução mínima e encontrar o exemplo de Nísia é percebê-la como âncora, demarcando a viabilidade de novos espaços que devem ser ocupados pelas mulheres. Foi uma das primeiras mulheres a articular-se com a imprensa, divulgando conhecimentos do campo feminista, indianista, abolicionista. Além disso, contruiu alianças importantes no campo do positivismo tendo uma relação próxima com Augusto Comte. Essa visibilidade de Nísia demonstra o quanto sua escrita foi estratégica. Naiana Pereira (2021, p. 103) argumenta que:

Essa relação chama a atenção para uma das estratégias adotadas pelas mulheres que escreviam na época: buscar apoio nas afirmações emitidas pelos críticos literários. Talvez, Nísia Floresta não tenha se rendido a esse estratagema, mas este “endosso masculino” foi útil para a inserção de várias escritoras no cenário literário. Para que uma escritora publicasse, era necessário produzir textos dentro de temas e suportes de publicação permitidos; é por isso que muitas escritoras encontraram abrigo na escrita com caráter religioso e outras buscaram a proteção de algum crítico literário para defender seu texto.

Essas foram as brechas epistemológicas encontradas pelas mulheres para produzir diante do sistema patriarcal. Nísia demonstrou uma articulação muito potente e através disso foi abrindo espaços para outras ideias surgirem. Nesse tempo, em 1838, criou o Colégio Augusto, na capital do Império. Publicou no *Jornal do Commercio* a seguinte nota:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro próximo, na Rua Direita n. 163, um colégio de educação para meninas, no qual, além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo o mais que toca à educação doméstica de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios mais gerais da geografia. Haverá igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas de zelo, assiduidade e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna da árdua tarefa que sobre si toma. Todavia não pode deixar de advertir que, sendo a cadeira de francês imediatamente dirigida por ela, muito se devem aproveitar as educandas da vantagem que têm de poderem no trato escolar exprimirem-se nesse idioma, o que certamente muito concorrerá para o seu adiantamento (*Commercio*, 1838, p. 4).

Publicar em um jornal, nesse contexto, demonstra uma grande rede de contatos e alianças e o prestígio social que Nísia construiu. Foi através dessas estratégias que ela conseguiu inserir-se nas brechas do sistema e propor novas formas de educar. Na nota publicada no jornal, é visível a posição política que Nísia adota ao demarcar que é uma educação para meninas, que vai além de ler, escrever, bordar, perpassando o lugar domesticado da educação de meninas e propondo ensino de gramática, francês, italiano, dança, música etc.

Além do enorme pioneirismo que representou através de suas obras e da abertura de um colégio para meninas, Nísia destacou-se pelas suas viagens pelo mundo e os registros que fez de forma autobiográfica demonstravam que ela estava em uma posição bastante intelectualizada. Conforme aponta Marcio Dantas (2011, p.

20) suas viagens eram carregadas por uma profunda curiosidade de mundo:

nossa feminista avant la lettre plasmou suas impressões sobre uma de suas mais importantes viagens. Nísia não viajava como turista, mas como uma viajante intelectualizada, espécie de arqueóloga do mundo das ideias e da história, permitindo-se uma curiosa liberdade de aprofundar conhecimentos sobre o que contemplava, tocava e sentia, proclamando, via escritura, seus pontos de vista, plenos de acuidade e sede de saber mais.

São essas nuances da escrita e vida de Nísia que me convocam pesquisá-la. Como imaginar uma mulher inserida no contexto do século XIX rompendo barreiras locais com seu conhecimento e suas visões de mundo? A figura de Nísia configura uma ruptura com a estrutura patriarcal que constroi as mulheres como seres inertes, domésticos. Segundo Naiana Pereira (2021, p. 101) a estrutura colonial reservava um espaço para as mulheres restrito ao campo privado:

As brasileiras foram excluídas da participação da vida política e econômica da sociedade brasileira de modo ainda mais hostil devido, principalmente, ao modelo de sociedade patriarcal herdado dos colonizadores portugueses. Por esta razão, os espaços normalmente ocupados por elas estavam circunscritos à casa, e às funções de esposa e de mãe. Além disso, elas estavam subjugadas à ordem masculina que regia toda a sociedade patriarcal brasileira, seja através da expressão escrita, seja pelo estabelecimento de regras sociais.

Ao circunscrever-se em outros espaços, Nísia nos deu pistas de como ocupar outros lugares – distantes e opostos a inércia esperada das mulheres. Nesse ponto, os relatos de viagem e mais objetivamente a sua obra “Itinerários de uma viagem à Alemanha” passam a me dar pistas para compreender essa articulação. Permeada por indagações múltiplas eu aprofundo essa pesquisa nessa obra autobiográfica para tentar dialogar com Nísia através de seu relato autobiográfico.

A seguir escrevo passo a aprofundar autora, experiência e obra de Maria Firmina dos Reis em seu diário *Álbum* (1853-1901).

4.3 Maria Firmina Dos Reis partes do diário dela intitulado, “Álbum” (1853–1901)

A literatura brasileira reservou pouco espaço para as mulheres. Quando pensamos em um recorte interseccionado e analisamos esse espaço sobre o prisma das experiências das mulheres negras, vemos um afunilamento desse apagamento epistêmico. Em diálogo com os artigos, teses e dissertações que sistematizei para essa pesquisa vislumbro demonstrar a figura de Maria Firmina dos Reis como potente, transformadora e revolucionária. Sua escrita inaugura um movimento de humanização

da população negra e das mulheres num contexto demarcado pela desumanização desses grupos. Shirley Ferreira e Anderson da Silva Pires (2020) argumentam que, se tratando do contexto do século XIX a figura e a escrita de Maria Firmina dos Reis constituem-se como abertura, ruptura e transformação para que outras(os) pessoas pudessem produzir e constituir um corpo da literatura negra brasileira:

A literatura negra brasileira, no século XX, tem como característica uma produção em que os próprios sujeitos negros, homens e mulheres, trazem para os seus textos uma subjetividade, a partir de uma experiência de lugar e de ancestralidade que é diferente daquela de ser branco no Brasil. Essas narrativas possibilitaram aos marginalizados o direito de contar as suas histórias. Todavia, antes da consolidação dessa vertente literária, existiu uma lista de precursores no século XIX, recém-redescobertos, que confrontaram o mundo letrado hegemônico através das suas vozes. Nesse contexto, surge a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), que imprimiu no conjunto da sua obra literária o seu ponto de vista a respeito do meio em que vivia (Ferreira; Pires, 2020, p. 203).

Através de sua escrita Maria demarcou-se enquanto âncora e deu sustentação para que se confrontasse o mundo intelectual majoritariamente formado por homens brancos. Na sua produção literária, Maria escreveu poemas, músicas, romances e adentrou para si na sua escrita íntima. Alguns títulos importantes da autora são: *Úrsula* (1859), *Gupeva* (1861), *A escrava* (1887). Nas suas obras criticou a sociedade patriarcal e escravista e fez da literatura uma via de denúncia das desigualdades que via na realidade.

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão em 1822³¹. Seus primeiros anos de vida tem poucos registros. Um dos principais biógrafos a sistematizar informações sobre a vida e obras de Maria foi o biógrafo Augusto Vitorino Sacramento Blake no Dicionário bibliográfico brasileiro. Segundo Blake (1970) Maria Firmina dos Reis era filha de Leonor Felippa dos Reis, que fazia parte de da família Reis e João Pedro Esteves. Foi professora e ocupou a cadeira de primeiras letras de S. José de Guimarães. Criou uma escola mista e gratuita – que durou apenas dois anos e meio.

Contudo, para além da biografia básica o que me convoca o encontro da escrita com Maria Firmina dos Reis é perceber-la enquanto potência de ancoragem para a história das mulheres. Percebo, dessa forma, que os longos períodos de apagamento que Maria e suas obras estiveram foram um projeto de descaracterização das autorias

³¹ Apesar de em outros documentos constar a data 11 de outubro de 1825 os documentos mais recentes encontrados datam 01 de março de 1822 no registro de nascimento de Maria (Toledo, 2019).

femininas. Assim, o processo de recontar uma história reside como força reparadora, e, através dessa força podemos recuperar âncoras que nos sustentem na criação de uma consciência feminista. Partilho das ideias de Régia Silva (2013, p. 87) ao apontar a importância de conhecer a história de uma mulher:

Recontar a história de Maria Firmina dos Reis e reler seus textos não é apenas falar de uma história de uma mulher que escreveu no século XIX, mas também tentar entender seus escritos, como escreveu, para quem ela escreveu e quais seriam os objetivos de seus textos. Nossa intenção é justamente, através dos escritos deixados por Maria Firmina dos Reis, tentar compreender como essa escritora percebia o mundo que a cercava; como através da literatura tentou interferir nesse mundo, Fazer isso é também adentrar na discussão da história das mulheres no Oitocentos no Brasil. E mais especificamente das mulheres escritoras. O mundo feminino, no século XIX, muitas vezes, foi lido e narrado pela pena masculina, visto o acesso à educação e à escrita pública para as mulheres ser nesse período bastante limitado.

Encontrar com Maria é a possibilidade de conhecer o mundo feminino narrado por uma mulher negra, professora, autora. Dessa forma, é um movimento de mirar no passado a partir de outro prisma, outro ângulo e enxergar saberes que estavam soterrados até pouco tempo. Partilho das palavras de Moraes Filho (1975, p.2 2) “os nossos mortos continuam vivos, quando lhe cultuamos a memória”. É na memória histórica que Maria Firmina e suas obras encontram a reparação pelos anos de silenciamento e, através disso continuaremos rememorando pensadoras que contem, através de suas vidas e obras, outra história do Brasil.

Apesar de suas obras potentes e sua atuação variada como professora, musicista, literária, romancista Maria Firmina, caiu no espaço destinado as mulheres: o silêncio. Moraes Filho (1975, p.2 1) relembra que “a autora que foi lida e aplaudida no seu tempo, foi como amnésia coletiva totalmente esquecida: nome e obra!”. Como aponta Michelle Perrot (2005, p. 9):

o silêncio é o lugar comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada. O silêncio é um mandamento reiterado através de séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamento.

Como aponta Ferreira e Pires (2020), Maria Firmina dos Reis morreu pobre e permaneceu por décadas no esquecimento. Sua figura e suas obras só foram rememoradas no século XX. As obras de Firmina foram reunidas e iluminadas pelo pesquisador Moraes Filho que em 1975 publicou a obra *Maria Firmina dos Reis*:

*fragmentos de uma vida*³² onde reuniu os contos, romances, musicas, poemas e até as páginas do diário da autora intitulado Álbum. Maria assinou com alguns pseudônimos como “Por uma Maranhense” ou “M.F.R”. Segundo Moraes Filho (1975) essa utilização dos pseudônimos são mais proteção do que modéstia.

Além de primeira personalidade literária feminina e negra do Maranhão, Maria Firmina deixou marcas de inaugurações em outros espaços como aponta Moraes Filho (1975). Em 1847 foi a única aprovada em um concurso para cadeira de Instrução primária e, já na velhice em 1880 conquistou o primeiro lugar na história da educação brasileira de Maranhão e tornou-se “Mestra Régia”³³. Maria criou um colégio misto e gratuito em um contexto que a educação era privilégio de uma elite de homens brancos. Esse movimento foi como chamou Moraes Filho (1975, p. 310) “uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino e seu pioneirismo subversivo de 1880!”.

No esforço em dialogar com a escrita íntima e autobiográfica de Maria Firmina dos Reis passarei na próxima seção a aprofundar o diálogo com o seu diário intitulado Álbum. Tocada pelas questões do esquecimento, da escrita que se fragmenta e se perde no tempo, nas indagações dos motivos que levaram Maria a escrever sobre si, do que a levou a debruçar-se sobre o íntimo e quais são os elementos de ancoragem que encontro na sua escrita íntima aprofundarei nessa análise. Costurando esses diálogos principalmente com a obra de Moraes Filho (1975), Rafael Balseiro Zin (2016), Shirley Ferreira e Anderson da Silva Pires (2020), Régia Silva (2013) e Maria Helena Pereira Toledo Machado (2019).

O conjunto de textos íntimos intitulados *Álbum* faz parte da obra *Maria Firmina dos Reis: Fragmentos de uma vida* que foi sistematizada e publicada por Moraes Filho em 1975. Também constam nessa obra os textos: *Cantos à Beira-Mar*, *Gupeva*, *A escrava*, algumas músicas e uma parte biográfica. Moraes Filho (1975) constrói essa obra como um instrumento de reparação ao esquecimento³⁴ das obras e da figura de Maria Firmina. Logo nas primeiras páginas Moraes Filho (1975, p.19, grifo nosso) anuncia a quem ele destina essa obra: “[...] **E ela que, durante a vida, foi história e**

³² Essa obra é de difícil acesso. O pesquisador Rafael Balseiro Zin compartilhou essa obra e essa nota é em referência e como agradecimento por viabilizar essa pesquisa.

³³ Título de personalidade educacional.

³⁴ Moraes Filho (1975) provoca para um novo conceito no lugar do esquecimento. O autor pontua que as obras e a figura de Maria Firmina dos Reis foram ignoradas pela literatura e historiografia brasileira.

fez história, somente agora entra para a História!...”. Essa exclamação anuncia o que virá a seguir na obra que contempla relatos biográficos, mas também possibilita que, através daquelas páginas seja possível conhecer a Maria autora, escritora, professora, mãe, poeta, musicista e tantas faces que estavam silenciadas pela literatura e historiografia tradicional. Morais Filho (1975) dá sentido e significado para a pesquisa histórica nas suas afirmações:

Essa obra é de pesquisa. A pesquisa é pedra-fundamental do conhecimento. Não falamos de “curiosidades”, mas de trabalho sistemático, criativo, inspiradora: obra fonte. Sem pesquisa a História é Estória, mas sem interpretação crítica, o documento não tem vida, o passado é morto. Assim, História não é só documento e interpretação: um complementa o outro. Mas pesquisar sem difundir... De que serve para a cultura a divulgação do nome do autor sem a difusão de sua obra? (FILHO, 1975, p.23 grifos da autora)

Em diálogo com Morais Filho, entendo que visualizar/analisar aspectos das obras e a figura de Maria Firmina é um chamado para estudá-la enquanto personagem histórica e documento potente, como via de nutrientes epistêmicos para o campo educacional e feminista. E esse trabalho de uma hermenêutica feminista e analítica precisa estar vinculado a difusão e transposição desses conhecimentos para a sala de aula para que obras como a de Maria nunca mais sejam ignoradas pela “tradição”.

O movimento de adentrar a obra autobiográfica e conhecer a escrita íntima de Maria Firmina no seu diário é uma via de produzir conscientização do que uma mulher, escritora, professora, mãe sentia, intuía, como se movimentava, o que a alimentava de forças para rompere transformar a sociedade que viveu. Dialogo com Morais Filho (1975) e sua definição de que pesquisa não só conscientiza como também recupera emoções, sensações de outros tempos.

A pesquisa e o documento são formas de acessar a vida e entendê-la como articuladora de saberes, ideias, forças mesmo quando não se está mais fisicamente vivo. Assim, através dessa pesquisa em costura com outras e com o meu aprofundamento autobiográfico vislumbro recriar-rememorar humanidades que foram ignoradas, violadas e sofreram um epstemicídio. Que essa escrita possa ser via de conexão e criação de novos conceitos e de achados importantes nas obras de Maria Firmina e Nísia Floresta que serão articulados como ancoras para uma sala de aula libertadora.

O documento *Álbum* é o livro da alma de Maria Firmina dos Reis. A sistematização e divulgação desse documento por Morais Filho foi uma reconstrução da alma de Maria na contemporaneidade. E a essa reconstrução inaugurada por

Morais Filho será continuada por essa pesquisa que segue em movimento de dar corpo e memória para a personagem e suas autorias. Moraes Filho (1975, p. 27) define o *Álbum* como um “quase diário”:

O álbum quase diário são também fragmentos!...Fragmentos de sua alma... Porém, mesmo assim essa feliz infelicidade é rara: ler o livro dos “sentimentos íntimos” de uma mulher...E do século XIX!... E também de uma escritora!... O livro de uma alma. Talvez seja esse álbum, embora fragmentado, o primeiro livro íntimo de uma mulher brasileira a ser publicado!

A escrita de Maria, dessa forma, foi lida e analisada em seus fragmentos, faltas, incompletudes. E dessas próprias brechas, foram gestadas hipóteses, conceitos, diálogos visto que quando se trata de pesquisas feministas o silêncio também importa, o que não pode ser dito, o que se perdeu ou foi perdido-destruído-apagado-ignorado.

4.4 A ancoragem autorreferenciada dos textos delas para o ensino de história

Nesse momento, faço um investimento de aproximar a escrita de Nísia e Maria em seus respectivos diários. Em um segundo momento caberá o movimento de diferenciá-las em suas experiências, lutas e recortes étnico-raciais, de classes e outros privilégios. Por fim, pensar pragmaticamente em empirias, intervenções da palavra na sala de aula, visualizar como os escritos dessas autoras podem ser aplicados didaticamente.

O primeiro movimento dessa seção é o de aproximação. Insere-se em um processo de reconhecê-las como potências de ancoragem para o ensino de história, bem como de entender que as experiências de mulheres podem nos aproximar de uma realidade histórica mais palpável e humana. Existem diversas diferenças que dividem a experiência de Nísia e Maria, e essa categoria – da diferença – é considerada por mim nessa investigação e será aprofundada a seguir, contudo, partilho das palavras de Audre Lorde (1969, p. 54) ao escrever sobre as mulheres que clamam por serem ouvidas:

Que não nos escondamos por detrás das farsas de separação que nos foram impostas e que frequentemente aceitamos como se fossem invenção nossa. Por exemplo: “provavelmente eu não posso ensinar literatura feita por mulheres negras – a experiência delas é diferente demais da minha”. E, no entanto, quando anos você passou ensinando Platão, Shakespeare, Proust? [...] o fato de estarmos aqui é uma tentativa de quebrar o silêncio e atenuar algumas diferenças entre nós, pois não são elas que nos imobilizam, mas sim o silêncio. E há muitos silêncios a serem quebrados.

Seguindo os ensinamentos de Audre Lorde, busco nesse primeiro movimento

uma aproximação dessas experiências. Penso, dessa forma, em articular ambas escritas a ponto de perceber elementos que ligam uma experiência na outra e visualizar dessa forma, quais eram os pensamentos, concepções teóricas e empíricas, medos e fugas dessas mulheres diante de seu tempo.

Retornando aos contextos históricos considero importante demarcar o pacto universalista inaugurado no século XVII adiantou-se em separar cirurgicamente o que é científico, racional, público do irracional, intuitivo e privado. Ilana Lowy (2000, p. 31) demonstra o quanto esse princípio de universalidade foi criticado pelos movimentos feministas, anticoloniais, etc. e apresenta o conceito de universal concreto:

Paralelamente, no contexto de um debate que opunha a universalidade do gênero humano à particularidade da condição feminina, os estudos de gênero propuseram substituir a ideia de um “universal” abstrato que não tolera a diversidade, por uma ideia de um “universal concreto” (conceito tomado de Françoise Collin) baseado na comunicação de indivíduos “situados”. Longe de provocar a abolição de todas as singularidades, o desenvolvimento desse “universal concreto” enfatiza a valorização delas. De maneira mais abrangente, as correntes de pensamento inspiradas por grupos dominados e marginalizados – movimento de mulheres, movimento anticolonial, movimento negro – contestaram a existência de um ponto de vista único sobre a história e sobre a sociedade, e a validade dos relatos transmitidos por uma voz única. Tais correntes propuseram substituí-lo por narrativas que reflitam diferentes pontos de vista, que incluam vozes múltiplas e que se construam pela cooperação, contradição e oposição desses pontos de vista e de vozes. Essas correntes juntam-se às ideias desenvolvidas por historiadores e sociólogos das ciências que refutam a imagem da ciência como atividade homogênea realizada por observadores neutros e intercambiáveis que observam a natureza de um ponto de vista de “nenhum lugar” e preferem ver nela o crescimento de práticas disciplinares que se fundam sobre pontos de vista múltiplos.

Nessa premissa, o privado expressa subjetividades que devem ser manifestadas como opiniões e sempre desvinculadas da possibilidade de produzir visões de mundos ou vislumbrar uma posição científica. Silvia Federici (2017) aponta para a necessidade de uma redefinição das categorias históricas de forma que se exponha as estruturas ocultas da dominação patriarcal.

Federici (2017) em diálogo com Joan Kelly (1984)³⁵ provoca uma inquietação: as mulheres tiveram um renascimento? Propondo a reflexão de que o discurso progressista da chamada revolução científica³⁶ que consolidou o racionalismo

³⁵ Joan Kelly propõe essa discussão no seu texto publicado em 1984, *Did Women Have a Renaissance?*

³⁶ Ilana Lowy (2000, p. 24) aponta para a necessidade de lembrarmos que: “a ciência é um empreendimento de caráter cumulativo e que seu passado – do qual as mulheres foram excluídas – continua pesando sobre seu presente. Além disso, e apesar da feminização recente do mundo científico, os “grandes cientistas”, aqueles que são percebidos como porta-vozes autorizados da ciência (prêmios Nobel, membros da Academia de Ciências, diretores de instituições prestigiosas ou de laboratórios de elite) são ainda geralmente do sexo masculino”.

científico promoveu um deslocamento cultural de um paradigma orgânico para um mecânico que legitimou a exploração das mulheres e da natureza. Nesse movimento de aglutinação os saberes que se transformam em racionalizados – uma racionalidade excludente de forma que outras esferas do conhecimento passam a ser excluídas dos espaços de saber e dos registros.

Ilana Lowy (2000) chama atenção para a necessidade de problematizar o conceito de universalidade. Ou seja, o tensionamento da autora diz respeito a perceber o que está explícito e implícito no discurso universalista. Da mesma forma, precisamos analisar quais são as nuances escondidas pelos discursos de objetividade e racionalidade. Conforme a autora demonstra, o conceito de universal frequentemente serviu de ferramenta de opressão. Contudo a proposição não é encerrarmos o debate sobre universalidade mas ampliarmos a sua efetividade. Lowy (2000) propõe que refletirmos sobre a possibilidade de desenvolver um conceito de universal que inclua o ponto de vista dos dominados.

Portanto, como pensar em uma produção de conhecimentos sem que eles estejam nos moldes racionalizados? É possível existir espaço para produções e autorias que falem do mundo doméstico, íntimo, subjetivo?

Esse processo de entrar em contato com os textos íntimos de Nísia e Maria em busca de ancoragem me colocou em confronto com as palavras. Utilizo a palavra confronto porque ela denota enfrentamento – ver de frente, encarar o sentir e os sentidos. Dessa forma, me envolvo no movimento de inventar de novo essas palavras, ressignificá-las no presente e significá-las na sala de aula. Tanto em Nísia como em Maria tive um encontro com as palavras-sentidos. As autoras demonstram em sua escrita uma via para elementos que a realidade não estanca. Estilhaçada por tantas palavras e tantos sentidos me convoquei a pensar: qual espaço dessas palavras nas aulas de história? O que de ancoragem eu encontro nelas? E nesse des-caminho, des-contínuo de ir e vir aos textos tenho pensado em qual passado as mulheres se ancoram, se enxergam, se reconhecem. Seria nas histórias de campos de guerras – cuja uma exceção delas participaram, ou nas histórias de bombas atômicas ou na história das invasões coloniais e das rotas marítimas, ou em tantas outras que compõem as histórias contadas e recontadas nas aulas de história. Penso nelas enquanto reflito, penso em mim, e lembro de não me enxergar.

Quando penso nesses mesmos cenários – de guerras, invasões, bombas etc. Me pergunto onde elas estavam? Como conto essa história? A presença delas está

na história, mas não no prisma que tradicionalmente olhamos, por isso a necessidade de pensar numa história no feminino. Ilana Lowy (2000, p. 25) demarca que a percepção da ciência como produto de uma atividade essencialmente masculina permanece no âmago das preocupações feministas. Essa percepção relaciona-se a necessidade de desenvolver uma “ciência no feminino”, diferente da ciência de hoje. Esse movimento possibilitaria corrigir desvios da pesquisa científica atual que incorpora apenas valores “masculinos”: hierarquia, valorização da força, uso de metáforas bélicas.

Pensando na presença das mulheres nos registros eu as encontro nas escritas íntimas, na marca da angústia de quem viu sua família ir para uma guerra ou na solidão e exaustão de ter que sustentar um lar fragmentado ou em tantos outros registros de experiências que foram sentidas e não só pensadas e agidas. Nesse fluxo de pensamentos, enxergo a escrita de Nísia e Maria – seus relatos de solidão, melancolia, saudade, silêncio, morte, dor. Esses espaços onde a escrita íntima aparece, surge também a presença e memória delas. Pensar numa sala de aula de história que não ensine somente sobre a guerra, as estratégias militares, as construções etc. mas que também demonstre que havia outras esferas desse contexto e essas esferas podem ser ancoradas nas escritas íntimas.

Esse processo de repensar o que se ensina sobre o passado e a partir de quais primas olhamos para ele encontra-se com outro movimento – o de perceber as novas concepções de pedagogias e sobretudo as que estão vinculadas a concepção de colaboração. Nesse campo, o saber e o sentir não são dissociáveis e, por isso as aprendizagens e emoções andam juntas. Apesar da construção racionalista da escola e a expulsão das subjetividades do espaço escolar, as novas tendências educacionais apoiadas por estudos na neurociência passam a reivindicar a importância de espaços para as emoções nas salas de aula. Conceitos como o de construção de ecossistemas de aprendizagem convidam a pensar em aprendizagens baseadas na vivência comum dos sujeitos uns com os outros e com o meio ambiente, bem como com suas próprias emoções. De acordo Pedro Silveira (2019, p. 210) a definição de ecossistema de aprendizagem é:

ecossistema de aprendizagem na cultura digital (ou simplesmente ecossistemas de aprendizagem) como a união agente/ambiente na qual acontece cognição e resultantes aprendizagens, a partir da interação de agentes (humanos e sintéticos) entre si e/ou com o ambiente.

Esse movimento proposto pelas novas tendências educacionais, em diálogo com a neurociência³⁷, confirmam aspectos que já vem sendo teorizado, reivindicado e realizado pela pedagogia feminista a séculos. Foram anunciados muito antes. Exemplo desse anúncio encontro nos escritos de professoras como Maria Firmina dos Reis em sua escrita no *Álbum*, onde ela demarca que pensa e sente! (Reis, 1975, p. 161). Parafrazeando a máxima do racionalismo iluminista de René Descartes – Penso logo existo, Maria escreveria que pensa e sente, logo existe. Se no século XIX, Maria Firmina já demonstrava que o pensar e o sentir não podem ser dissociados as “novas tendências” não tem nada de novas! Mas não referenciam as mulheres professoras que já registravam essas concepções.

Pensar, portanto, nos elementos de ancoragem presentes nas escritas íntimas de Nísia e Maria está em diálogo com um debate atual do campo educacional renovado: como trazer os sentidos e subjetividades para a sala de aula? A minha suspeita nesse momento, a partir dos diálogos com as autorias que aqui me ancoram é de que o movimento de transformar a sala de aula, de torná-la humanizada, intelectualizada e sentida deve ser ancorado em autorias que demonstraram esses sentidos em suas práticas, que escreverem sobre o sentir, sobre as emoções, sobre a vida e a morte etc. A utilização de autobiografias como instrumento didático para ancoragem é uma forma de conectar essas subjetividades com a sala de aula. Através da leitura dessas escritas as(os) educandas(dos) conseguem perceber que é preciso assumir os sentimentos, as emoções, as dores e que isso também é um constructo histórico que fez e faz parte do cotidiano da vida ordinária.

Ancorar, nesses escritos, é exemplificar que existem ancoras que nos demonstram que suas atuações em seus tempos e contextos foram permeadas de sentidos. Por isso, penso em ampliar o conceito de ecossistemas educativos e propor uma faceta disso baseada nas ancoragens e nas subjetividades que seria a construção de *ecosentidos* educativos. Pensando na etimologia da palavra, *eco* deriva do grego antigo οἶκος *oikos* e significa casa, lar. Sentido tem sua origem no

³⁷ Leonor Guerra (2011, p. 3) aponta que: “as neurociências são ciências naturais, que descobrem os princípios da estrutura e do funcionamento neurais, proporcionando compreensão dos fenômenos observados. A educação tem outra natureza e sua finalidade é criar condições (estratégias pedagógicas, ambiente favorável, infraestrutura material e recursos humanos) que atendam a um objetivo específico, por exemplo, o desenvolvimento de competências pelo aprendiz, num contexto particular. A educação não é investigada e explicada da mesma forma que a neurotransmissão. Ela não é regulada apenas por leis físicas, mas também por aspectos humanos que incluem sala de aula, dinâmica do processo ensinoaprendizagem, escola, família, comunidade, políticas públicas.”

latim sentire, de experimentar algo por meio dos sentidos e por meio da razão.³⁸ Portanto, os ecossentidos são processos que convocam uma sala de aula que una a casa – o espaço privado, íntimo, com o sentir, experimentar, vivenciar.

A proposta de pensar a sala de aula de um ponto de vista do sentir pode ser aplicada através da construção desses ecossentidos – que penso como espaços onde o corpo, a alma, os sentidos, o pensamento possam fluir no espaço escolar e, como via-instrumento para essas conexões podemos utilizar leituras de autoras que ousaram escrever sobre o sentir.

Nesse segundo momento, considero importante diferenciar Nisia Floresta e Maria Firmina, suas experiências e autorias. Considero a categoria da diferença fundamental nos debates feministas e, por isso, utilizo essa argumentação na análise dessas autoras. Assim, fundamenta-se o significado da diferença nas pesquisas feministas:

O pensamento feminista da diferença, outra categoria importante na história das mulheres, situa-se no campo da pós-modernidade porque sugere a multiplicidade, a heterogeneidade e a pluralidade, e não mais a oposição e a exclusão binária, recorrendo portanto a autores como Nietzsche, Foucault, Deleuze e Derrida. As historiadoras, que passaram da categoria da igualdade para a diferença, sentiram a necessidade de falar de diferenças não somente entre homens e mulheres, mas também de diferenças entre as próprias mulheres, assim como usar a análise das mulheres como metáfora - metáfora dos sujeitos excluídos pelo discurso da universalidade (Tedeshi, 2016, p. 162).

Dessa forma, apesar da escrita e os contextos que as aproximam existem um universo de diferenças sociais, raciais, etc., que distanciam a experiência, os escritos e as personalidades de Nisia Floresta e Maria Firmina.

Ao mesmo tempo que se assemelham por suas lutas, Nisia e Maria se diferenciam em suas pautas. Enquanto Nisia gozava do privilégio de ser uma mulher branca, cujas violências do racismo e escravismo não a atingiam, Maria enquanto uma mulher negra precisou enfrentar uma ordem ainda mais rígida. O entrecruzamento dessas duas autoras demonstra como a experiência de ser mulher não exprimi uma opressão em comum a todas visto que outros atravessamentos de opressão como a raça, classe, sexualidades etc. complexificam essas violências. Flavia Biroli (2018, p. 29) reforça esse argumento exemplificando que não existe uma “exploração comum a todas” de forma que as opressões não são vividas da mesma maneira por todas as mulheres, já essas opressões se intensificam quando se cruzam com outras. Assim, a

³⁸ Significados disponíveis em: <https://origemdapalavra.com.br/>.

análise hermenêutica dos escritos de ambas as autoras passará por uma análise social, cultural, etno-racial. Esse movimento é necessário visto que essas diferenças são importantes na construção de uma consciência feminista interseccionada.

Como proposição de empirias – aplicabilidades pedagógicas dos elementos de ancoragem nas obras de Nísia e Maria penso que a potencialidade está em construir um material que sistematize as obras das autoras e leve para a sala de aula – suas histórias, sentimentos e ações. Para construir uma transposição didática dessa pesquisa vislumbro produzir uma síntese das obras das autoras como forma de um ‘dicionário de ancoragens’ – onde elenco palavras-sentimentos trazidos pelas autoras nos diários e suas definições. É uma forma de tornar acessível e didático esses escritos e funciona como material didático para outras atividades.

A proposta de trazer para sala de aula elementos de ancoragem por meio das obras de Nísia e Maria ampliamos a busca de outras autoras(es) que representem a solidez de estarmos ancoradas em mais outras histórias. Por isso, rego com sonhos de ampliação e possibilidades de criação futura de uma enciclopédia de ancoragem com diversos escritos, conceitos e ferramentas epistemológicas para serem levadas nas salas de aula como forma de humanizar o ensino de história.

A partir desses elementos de ancoragem, diversas propostas podem ser construídas e ancoradas como materiais didáticos. Proposições de pesquisas históricas baseadas nos conceitos âncoras das autoras, exposições audio-visuais que representem autorias e conceitos. Por exemplo, para o conceito âncora de alegria: que autora simboliza determinado conceito? O que, por exemplo, a alegria simboliza enquanto instrumento de existência?

Partilho das ideias de Losandro Tedeshi (2016, p. 155) de que para fazer justiça ao passado, não basta elencar as mulheres que fizeram parte dessa história, como se um mero arquivo pudesse dar sentido à memória, resgatando ou enterrando simbolicamente nossas mulheres mortas, injustiçadas e esquecidas. O movimento deve ser de retomado, memória e reparação no presente através de novos óculos epstêmicos para interpretar essa história aliados a um processo de transposição desses registros.

Essas proposições didáticas dialogam com as potencialidades da pedagogia feminista de tornar pensadoras, professoras, artistas visíveis e conhecidas. Bem como insere-se um movimento de pluralizar as representações históricas nas salas de aula que pretendo aprofundar nas próximas etapas dessa pesquisa.

4.5 Potências de aprender com as mulheres do passado

Elas existiram, com medo e do medo produziram vida – nas suas mais variadas formas. Desde o parto, a manutenção dos lares até as obras, teorias, escritas todas pariram vidas. Conhecer mulheres do passado é um movimento reparador. É enxergar-se nas angústias e entender que existe uma experiência que nos une e se elas conseguirem transformar o medo em ação também conseguiremos. E para além disso, conscientizar-se da existência de mulheres do passado, dos caminhos percorridos por elas nos permite ganhar tempo e criar estratégias para existir e resistir diante a ordem patriarcal, isso porque não precisaremos começar do marco zero: outras já fizeramisso. O nosso movimento deve ser o de continuidade.

Continuar a partir delas, com a memória delas e por elas. Não ignorar as que vieram antes e preparar o solo para as que virão. Esse é o movimento que nomeio ancoragem. Saber que existiram outras antes de nós é honrar lutas que foram travadas e nos aponta um caminho para voltar quando for necessário recuar. As âncoras no mar servem para manter firme a embarcação. Pensando de modo figurado elas indicam retorno, proteção, firmeza. Esse é o significado de reconhecer essas e outras mulheres do passado. Saber para onde retornar e como produzir através disso. A potência de estudar as mulheres do passado é dar sentido para o presente. Entender que a opressão patriarcal foi construída por um passado e, portanto, é passível de mudanças. Essas mudanças só podem efetivamente ocorrer se conseguirmos nos enxergar enquanto grupo que tem um repertório teórico e epistêmico para produzir outras realidades e um futuro feminista. Partilho das palavras de Bell hooks (2020, p. 25): nós fazemos a história revolucionária, contando o passado. Contar, rememorar, escavar e encontra-las é dar continuidade a lutas intensas que foram travadas por mulheres antes de nós e faz parte do movimento de construir uma consciência e uma memória feminista.

Aprender com mulheres do passado constitui-se como movimento de oposição ao domínio androcêntrico e patriarcal. Losandro Tedechi (2016, p. 154-155) aponta para a exclusão das mulheres dosespaços de saber:

A história tem sido, desde sempre, o lugar da legitimação e do domínio. O controle ea distribuição da palavra escrita, encarregada principalmente pelos homens letrados, os escritores, os cronistas e os historiógrafos, implicou num uso e abuso do poder simbólico em narrar, relatar e significar determinadas parcelas da realidade ligadas diretamente aos triunfos, aos grandes atos

heroicos, com pretensões de superioridade e feitos de grande poder. Durante muito tempo, a escrita e o saber estiveram – e ainda, talvez, continuem – relacionados ao poder e foram usados como formas de dominação e de exclusão de determinadas vozes que tentaram ecoar algum som em meio ao silêncio que era imposto para que se mantivesse a ordem social em uma sociedade de base falocêntrica, patriarcal, machista e sexista. (TEDECHI, 2016, p. 154-155).

Diante das estruturas de silenciamento as mulheres continuaram produzindo. A escrita feminina constituiu-se como ferramenta de subversão da ordem patriarcal e o movimento de lembrar essas resistências é o de reparação histórica e de construção de um novo caminho para a história das mulheres.

5 CONCLUSÕES ENTRECruzADAS

Cruzar foi o movimento que uniu esse texto, em palavras que ora significavam suspeitas ora se transformavam em epistêmias no cruzar do texto com a experiência. As narrativas autobiográficas de Maria Firmina dos Reis e Nisia Floresta foram cordões condutores para que esse cruzar possibilitasse o convite a memória. É nesse convite que entrecruzo essa dissertação com as possibilidades de seguir. Escrever sobre elas foi uma estratégia ou aposta de sobrevivência. Sobreviver significa³⁹ “continuar a existir depois de (algo)” e a escrita foi via propulsora para que a existência de autoras, professoras, mulheres da vida comum e ordinária continuassem a sobreviver depois das lutas, violências, vivências, abandonos, esquecimentos.

Essa dissertação foi um itinerário que encontra pouso nas suas conclusões entrecruzadas mas onde busco espaço para vislumbrar novos cruzamentos, e, sobretudo, experimentar a transposição do que construí teoricamente nessa pesquisa. O trajeto feito até aqui se configura como um bordar de linhas que ao se juntarem formam contornos inimagináveis e no bordar anunciam protagonismos e lutas de mulheres. Meu encontro com as literaturas e escritas de mulheres foi epistêmico e ancestral – retornar para minha casa. Escrever as conclusões é como anunciar um nascimento teórico e um retorno ao mesmo tempo. Ao concluir esse texto entendo que as aspirações de uma sala de aula plural, de escritas de mulheres, de periferias, da América, é produzir um tensionamento na base. A escrita desse texto foi tensionar a minha base, lembrar quem eu sou e, ao mesmo tempo anunciar que outras mulheres produziram tanto antes para que eu me tornasse a pesquisadora, professora, curiosa que sou. As sementes de transformação social estão plantadas nesse texto com palavras-sementes e que jogadas ao mundo espero regá-las com mais histórias, contações e pesquisas.

Esse trajeto investigativo foi de uma pesquisa teórica baseada na perspectiva feminista com algumas apostas de análise: o campo autobiográfico, os estudos de

³⁹ Significado disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/> Acesso em: 16 out. 2023.

memória, a decolonialidade e a hermenêutica feminista. A partir dessas análises foi possível entrecruzar alguns campos epistêmicos como a história, literatura e a docência na medida que verifiquei a ampla necessidade de vinculação desses campos de produção. As pesquisas históricas, educacionais e literárias alcançaram uma grande amplitude nos últimos anos evidenciando espaços para inserção de novas abordagens e ampliação das narrativas, contudo, o entrecruzar desses campos parece carecer de algumas análises. Nesse ponto, esta dissertação entrega uma consolidação teórica no movimento de entrecruzar campos epistêmicos. Foi nessa costura entre epistemias que nasceu, como produto, o conceito ancoragem que vislumbra cumprir uma função investigativa de analisar quais caminhos as mulheres podem encontrar sustentação para suas trajetórias acadêmicas, profissionais, pessoais, etc. Bem como o conceito ancoragem produz a possibilidade de construção de estratégias epistemológicas de enfrentamento da estrutura patriarcal.

Essa pesquisa teve como objetivo analisar os escritos de Nísia Floresta, “Itinerário de uma viagem à Alemanha” (1857) e Maria Firmina dos Reis, “Álbum” (1853 – 1901) como ancoragem consciente desses conhecimentos para um ensino de história emancipatório. Foi justamente na análise desses escritos que nasceu o conceito de ancoragem e a inspiração de possibilidades de criação de materiais, oficinas e entrecruzamentos entre a história e a escrita feminina através do uso da escrita autobiográfica. Por isso, essa pesquisa versou sobre a construção epistemológica e teórica das possibilidades de ancoragem nos textos de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis no ensino de história vislumbrando a segunda etapa dessa pesquisa a ser desenvolvida em fase de doutoramento de forma empírica e aplicando esses conceitos e investigação nas realidades escolares.

Além do objetivo geral esse itinerário investigativo foi transpassado por mais algumas inquietações: investigar o exercício autobiográfico como potencialidade de produção autoral; analisar os estudos autobiográficos e seus desdobramentos na dissertação de pesquisa, enfocando a abordagem autobiográfica como ferramenta de autoatualização; debater a categoria de ancoragem como desencadeadora de aspectos teórico-metodológicos para o ensino de história emancipadora. Essa é a maior contribuição dessa dissertação: o aprofundamento teórico demonstrando as possibilidades de entrecruzamento do campo da educação e a pesquisa histórica e feminista. Nesse entrecruzar foi possível teorizar sobre as potencialidades de aprender com as mulheres do passado bem como pensar em como transpor esses

saberes para o ensino de história.

Entendo que ao investigar a escrita como instrumento de protagonismo das mulheres, faz carecer a escuta dessas através da contação. Por isso, vislumbro possibilidades de ampliação desse texto e sinalizando passos a seguir em futuras pesquisas penso na ampliação da dimensão dos registros: investigá-los nas suas outras faces: os registros escritos mas também os contados (orais), manuais, iconográficos, etc. A produção histórica, epistêmica e autobiográfica enriquece quando possibilitamos um entre-cruzar de registros. A escolha investigativa feita durante a pesquisa no mestrado foi pelo aprofundamento na escrita com o objetivo de encontrar novas vias para seguir ouvindo registro de vidas e histórias de mulheres.

Pesquisar foi um movimento de restituição vinculado a possibilidade de buscar ancoragem. Ancorar nesse mar foi traçar novos vínculos de narrativa, recuperar antigas histórias que constituíram minha identidade. A ancoragem também me foi anúncio no encontro com a literatura escrita por mulheres. A escrita autobiográfica de Nísia Floresta e Maria Firmina dos Reis foram linhas das quais colhi vida, sustento teórico e epistêmico e onde encontrei a realidade de mulheres que se configuram em histórias de luta, transformação, dores, amores e que se entrecruzam transpassando gerações. A literatura e história ancoradas nas escritas de mulheres foi o caminho que encontrei para devolver para a sala de aula possibilidades de vida, de transformação-mudança-movimento. Perceber, dessa forma, que o ensino de história pode ultrapassar a narrativa patriarcal e recuperar a essência-alma da sala de aula. Ancorar nesses escritos evidenciou o quanto as narrativas históricas patriarcais roubam das mulheres o direito a sua história. Por isso, sonhar e (re)construir uma memória de produções, participações e escrito de mulheres foi um trajeto epistêmico reparador na medida que me possibilitou pensar em novas rotas para um ensino de história emancipador.

Resistência – substantivo feminino, traduz o caminhar das mulheres e suas estratégias de sobreviver. Permanecer contando suas histórias nos encontros familiares, nos mercadinhos da vila, no diário escondido, no ninar dos filhos. Contar e costurar memórias assim como na arte de Rosana Paulino “a costura de memórias”,⁴⁰ se traduz como um interligar das experiências que são partilhadas a partir da resistência a uma sociedade patriarcal, racista, classista, hetero-cis normativa.

A partir dessas experiências se torna possível construir travessias e caminhos. Perceber itinerários que abertos possibilitam retornar.

O esquecimento pode atuar como produção de narrativas universais, compondo histórias unilaterais. A memória atua como ponte para as travessias. Seguir sem esquecer os passos que foram dados antes. Os trajetos que compuseram esse atravessar. Essa escrita versou sobre o esquecimento, a denúncia, a falta de representações, mas, principalmente sobre colocar no palco central das memórias as histórias que resistem ao tempo, ao esquecimento, ao patriarcado racista e misógino. A categoria fundante dessa pesquisa foi a memória e como convocá-la para compor o ensino de história. Para anunciar novos contornos sociais, políticos, epstêmicos é preciso enxergar como as brechas foram sendo ocupadas por mulheres que existiam nas fronteiras da teoria, da academia, da política. A fronteira, como aponta Gloria Anzaldúa (2004, p. 17), é o local onde todas as vozes falam simultaneamente.

Além disso, entendo como outra possibilidade desse estudo a produção de materiais didáticos voltados para o exercício da investigação histórica vinculada com os estudos da memória ampliando as possibilidades de que textos como o de Nisia Floresta e Maria Firmina dos Reis cheguem na educação básica.

Para ir além do modelo linear e aplicar o conhecimento da pesquisa em sala de aula também é necessário um compromisso docente com a educação transformadora. Bell hooks (2017) ensina que a educação como prática de liberdade precisa ser fio condutor da ação docente. E o desejo de transformação social precisa estar vinculado a prática.

Para que a educação se torne verdadeiramente transformadora é preciso que todo o esforço epistemológico das pesquisas no campo educacional, feminista, popular, decolonial chegue nos espaços escolares e inaugurem novos contornos sociais, novas possibilidades de identificação, reflexão, memória e consciência.

Nesse caminhar me deparei com algumas intercorrências que demonstraram as limitações que podem se apresentar no trajeto das pesquisas. Ao iniciar esse processo vislumbrava uma pesquisa empírica que fosse alimentada pela teoria. Contudo, no processo de delimitação do tema, problema e objetivos percebi a dimensão de aprofundamento teórico que essa pesquisa demandava. A partir disso, a decisão de pesquisa foi a produção de uma pesquisa teórica com aprofundamento conceitual e que preparasse um solo fértil para futuras pesquisas empíricas no ensino de história, literatura, pesquisa feminista e educação. Nesse caminho a escolha das

obras *Itinerário de uma viagem a Alemanha* de Nísia Floresta e *Álbum de Maria Firmina dos Reis* foram desafios documentais. Isso é, encontrar fontes cujos exemplares são reduzidos se constituiu com um dos desafios para o aprofundamento dessa pesquisa. A obra de Nísia Floresta foi possível encontrar em um sebo no Rio de Janeiro e consegui comprá-la online. Já a obra *Álbum de Maria Firmina dos Reis* só foi possível acessá-la devido a disponibilização desse material pelo pesquisador e historiador Rafael Balzeiro Zin. As pesquisas históricas costumam compor essas intercorrências. A dificuldade do acesso a essas fontes tornam-se ainda maiores quando se tratam de escritas de mulheres que restringiam-se ao espaço do privado e eram delegadas ao esquecimento. O esquecimento e o silêncio das fontes foi uma intercorrência nessa trajetória de pesquisa com fontes escritas por mulheres. Importante definir que chamo de intercorrência porque esse foi uma dificuldade do processo mas não uma limitação dessa pesquisa. Ler, pesquisar e produzir sobre mulheres é lidar com certas lacunas, silêncios, vazios que compõe o movimento de apagamento delas da história, literatura, arte, educação, etc. Contudo, é nas brechas entre silêncio e escrita que foi possível construir epistemologias feministas. Perrot (2005, p. 10) escreve que as mulheres desobedeceram as inúmeras ordens de silenciamento e, por meio disso transformaram o silêncio em armas epistemológicas.

Transformaram, dessa forma, o silêncio em estratégia de produção. Com isso, essa pesquisa evidencia a potência de pesquisa que visibilizam textos de mulheres. Escritas que foram produzidas na clandestinidade e que sinalizam possibilidades de enfrentamento da ordem patriarcal vigente. Como produto, essa dissertação comporta uma pesquisa no campo educacional, mas também no campo histórico na medida que aprofunda, investiga e potencializa fontes históricas autobiográficas que podem possibilitar trabalhos de representação, identidade, (des)construção em sala de aula.

Cruzar essa travessia com mulheres foi o que possibilitou minha chegada nesse ponto. Cada palavra, sentido e inspiração até aqui foi embalado por alguma cantiga entoada por elas, por uma reza de mãe, por alguma escrita âncora que me sustentou em momentos de dor, angústia, medo ou felicidade. Essa travessia também passou pela escuta: vozes de mulheres que tem muito a dizer. Perrot (2005, p.9) escreve que “no início era o verbo, mas o verbo era Deus e o homem”. Essa frase me lembra Conceição Evaristo (2020, p.1), que diz que o primeiro sinal gráfico, que lhe foi apresentado como escrita, veio de um gesto antigo de sua mãe ao escrever. Conceição fala da escrita como via ancestral. Uma escrita que ritmada compõe

movimentos de corpo, mente e alma. No início dessa travessia o escrever para mim, era sonho. Carregado de memórias, escrever era lembrar e, afastado da história se comportava para mim como uma expressão de um ritual individual, privado.

Nesse ponto, em que o atravessar encontra uma marca de registro com a entrega dessa dissertação, entendo que o escrever é coletivo, e, guardou espaço junto da memória para que ao se deparar com outros modos de pensar e fazer história pudesse vir a tona. Entendo que nesse ponto do atravessar preciso anunciar que essa escrita se constitui como experimento de sonho. Vislumbrar através da pesquisa um espaço pedagógico onde história, memória, casa, sonhos, mães, escritas, mulheres possam coexistir como parte do aprender. Ensinar, assim como escrever, pesquisar e sonhar são verbos contínuos porque não comportam finais e precisam de aberturas para seguirem reverberando. Por isso essa dissertação encontra pouso por aqui com entregas, fechamentos, conceitos fluídos e sólidos mas, sobretudo, versa sobre continuar a abrir-se para movimento, coragem, sonho, luta.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. Revista História da educação, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.
- ADAMS, Telmo. WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. Práxis Educativa, v. 10, n. 2, p. 585-590, 2015.
- ALVES, Renata Carmo. **As faces de Maria: ecos de Maria Firmina dos Reis em Lélia Gonzalez, Djamila Ribeiro e Marielle Franco**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera**. a.1. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ANZALDÚA, Gloria. **Como domar uma língua selvagem**. Cadernos de Letras da UFF, v. 39, p. 297-309, 2009.
- ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 01, p. 229-236, 2000.
- ARIÈS, Philippe. **Uma Nova Educação do Olhar**. In: História e Nova História, 3º ed. Ed. Brasiliense, Trad. Carlos da Veiga Ferreira. 1980.
- ASSIS, Marluce, *et al.* **Desafios metodológicos da abordagem qualitativa: diversidade de cenários, participantes, estratégias e técnicas**. In: SILVA, Raimunda. *et al.* Estudos Qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações. Sobral: EdiçãoUVA, 2018.
- BAGETTI ZEIFERT, Ana Paula; AGNOLETTI, Vitória. **O pensamento descolonial e a teoriacrítica dos direitos humanos: saberes e dignidade nas sociedades latino-americanas**. Revista Húmus, v. 9, n. 26, 2019.
- BAKOS, Margaret Marchiori. **Isca viva, pesca melhor: escritas íntimas, tempo e lugares da memória**. Historiæ, v. 1, n. 1, p. 103-112, 2010.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. Boitempo Editorial, 2018.
- BITTENCOURT, Circe Maria F. **Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada à história profana**. São Paulo: USP, 1993.
- BLAKE, Augusto Victoriano Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. V. 6. Ed. fac-símile. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1970.

BONIN, Jiani Adriana. **Pesquisa exploratória**: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um projeto investigativo. Anais do XXI Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

BORDIEU, Pierre. **Esquise d'une Theorie de la Pratique** *Apud* PETERSEN, op. cit., pp. 8- 9.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante**: um momento da educação popular. Revista de Educação Popular, v. 6, n. 1, 2007.

CAMPOS, Munik Antunes de. **Autorrecuperando Maria Firmina dos Reis**. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v. 22, n. 2, p. 23-34, 2022.

CHACON, Alyanne de Freitas. **A responsabilidade enunciativa em Itinéraire d un Voyage en Allemagne**. 2013.

CHACON, Alyanne de Freitas. **O discurso autobiográfico nos relatos de viagem de Nísia Floresta**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Bazar do Tempo, 2022.

COELHO, Catarina Alves. **Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens**: a tradução utópico-feminista de Nísia Floresta. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Do baú ao arquivo**: escritas de si, escritas do outro. Patrimônio e Memória, v. 3, n. 1, p. 45-62, 2007.

DIAS, Nathaly de Moraes. **A ficção afrofuturista na educação decolonial brasileira**. Revista Cadernos de Clio, v. 11, n. 2, 2021.

DIOGO, Luciana Martins. **Da sujeição à subjetivação**: a literatura como espaço de construção da subjetividade, os casos das obras Úrsula e A Escrava de Maria Firmina dos Reis. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2016.

DUARTE, Constância Lima. **Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas: histórias de uma história mal contada**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 30, p. 63- 70, 2007.

EGGERT, Edla. **A mulher e a educação**: possibilidades de uma releitura criativa da hermenêutica feminista. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo, v. 3, n. 5, p. 19-28, 1999. Série Educação.

EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. **Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero**. Revista Contexto & Educação, Unijuí Ano 26 n. 85 Jan./Jun. 2011. p.51-68.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de**

nascimento de minha escrita. ago. 2005. Disponível em: <http://nossaescrivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 10 set. 2022.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva.** Editora Elefante, 2019.

FEIJÓ, Glauco Vaz; PEREIRA, Gabrielle Tavares. **Abya Yala em jogo: uma visão decolonial da história de mulheres de Abya Yala no ensino de língua espanhola.** LínguaTec, v.5, n. 1, p. 158-183, 2020.

FERREIRA, Alice Fontes; VIANA, Gilvania Clemente; CORREIA, Silvia Letícia Costa Pereira; SANTOS, Tarsis de Carvalho. **A pesquisa aplicada em educação: uma experiência de intervenção na educação básica de Salvador/BA.** Congresso Nacional de Educação (CONEDU). 18 a 20 de setembro de 2014.

FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma viagem à Alemanha.** ODISSEIA, Rio Grande do Norte, 8 (1): p. 20-25, jan-jun 2012.

FERREIRA, Shirley; PIRES, Anderson da Silva. O Álbum De Maria Firmina: Uma Releitura A Partir De Lejeune. Gomes, Carlos Magno (org.). **Leituras culturais: questões de gênero, violência e sexualidades / Organizadores: Carlos Magno Gomes e Ana Leal Cardoso.** 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2020. 375 p.

FIRESTONE, Shulamith. **The dialectic of sex: The case for feminist revolution.** Verso Books, 2015.

FRAGA, Jonathan Souque de Souza. **Violência em Viamão: análise da taxa de homicídios dolosos entre os anos de 2019 e 2021.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto Alegre, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Dayane Cristina de. **O tema e o problema: memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis (1987 – 2019).** 2021. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

FREITAS, Naiana Pereira de. **Anotações sobre a trajetória da escrita de autoria feminina.** Inventário, n. 27, p. 96-117, 2021.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio.** Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Editora Vozes Limitada, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências SociaisHoje, ANPOCS, 1984, p. 223-244

GUERRA, Leonor Bezerra. **O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades**. Revista Interlocação, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2011.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Editora Elefante, 2021.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

KOROL, Claudia. **Hacia una pedagogía feminista: géneros y educación popular**. Buenos Aires: Editorial El Colectivo: América Libre, 2007.

LEÃO, Maria da Graça. **Nas tramas da pesquisa-formação: uma abordagem experiencial de autoria feminina no processo de formação docente**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2009.

LEÃO, Maria da Graça; EGGERT, Edla. **História da Educação sob a Perspectiva da Narrativa Autobiográfica—uma experiência metodológica de sala de aula**. Revista Contexto & Educação, v. 23, n. 80, p. 127-144, 2008.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Editora Cultrix, 2020.

LÓPEZ, Maricel Mena. **Hermenêutica negra Feminista – De invisível a intérprete da sua própria história**. Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana, São Paulo: Vozes, ano 2005.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Autêntica Editora, 2019.

LÖWY, Ilana. **Universalidade da ciência e conhecimentos “situados”**. Cadernos pagu, n. 15, p. 15-38, 2000.

LUZ, Giselle Aparecida. **A escriturização de Maria Firmina dos Reis no conto A Escrava**. Travessias, v. 12, n. 1, p. 193-204, 2018.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Maria Firmina dos Reis**: escrita íntima na construção do si mesmo. *Estudos Avançados*, v. 33, p. 91-108, 2019.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Tinta negra, papel branco**: escritas afrodescendentes e emancipação. *Estud. av.*, v. 33, Mai-Ago, 2019.

MARINAS, José Miguel; MARINAS, José Miguel; SANTAMARINA, Cristina. **La historia oral**: métodos y experiencias. Madrid: Debate, 1993.

MARRA, Laísa. **A narrativa de Maria Firmina dos Reis**: nação e colonialidade / Laísa Marra. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2020.

MATOS, Keila. Heidegger e a Hermenêutica Feminista. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 18, n. 5, p. 677-685, 2008.

MENDES, Algemira de Macêdo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira**: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006.

NARVAZ, Martha Giudice; ANNA, Sita Mara Lopes Sant; TESSELER, Fani Averbugh. **Gênero e educação de jovens e adultos**: a histórica exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder. *Diálogo*, n. 23, p. 93-104, 2013.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. *Diáspora Africana*: UCPA/Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Lucila Barbalho. **"É o poder, o mundo é de quem faz"**: uma reflexão sobre o androcentrismo no ensino de História. 2019. 92f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Profhistoria) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

NUNES, Débora RP. **Teoria, pesquisa e prática em Educação**: a formação do professor-pesquisador. *Educação e Pesquisa*, v. 34, n. 01, p. 97-107, 2008.

OLIVEIRA, Calila das Mercês. **Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea**. 2020. 220 f., il. Tese (Doutorado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

PAIXÃO, Márcia; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In.: EGGERT, Edla (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.p.13-22.

PASSEGGI, Maria Conceição; EGGERT, Edla. Escritas de si, literatura e cinema: diálogos (auto) biográficos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 1, n. 2, p. 194-197, 2016.

- PATAI, Daphne. **História Oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Caxias do Sul: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Revista brasileira de história, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.
- PINHEIRO, Thayara Rodrigues. **Vozes femininas em úrsula, de Maria Firmina dos reis, “uma maranhense”**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PRIORE, Mary Del. **A Mulher na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988. pp. 11 e 12.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; VON SIMON, Olga de Moraes. **Experimentos com histórias de vida**. Itália-Brasil/organização e introdução Olga de Moraes von simson. SP: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; SIMSON, Olga de Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988. cap. 2. p. 14-43.
- RÉGINE, Pernoud. **Hildegarde de Bingen**. Conscience inspirée du XIIe siècle, Paris, Rocher, 1994.
- REIS, Maria Firmina dos. Álbum. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida**. São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975.
- ROCHA, Flávia Cavalcante. **O texto autobiográfico na sala de aula: uma proposta de ensino da produção escrita para alunos do 9º ano**. 2016. 219f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2016.
- RODRIGUES, Rodrigo Gouvêa et al. **Romance de autoria feminina: “o ser mulher” em Maria Firmina e Júlia Lopes**. 2018. 81 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.
- ROSA, Graziela Rinaldi da. **Transgressão e moralidade na formação de uma “matrona esclarecida”**: contradições na filosofia de educação nisiana. 2012. Tese (Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2012.

SAFFIOTI, Helelieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Vozes, 1976.

SALVATICI, Sílvia. **Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres.** História oral, v. 8, n. 1, 2005.

SANTOS, Odja Barros. **Uma hermenêutica bíblica popular e feminista na perspectiva da mulher nordestina: um relato de experiência.** 2010. 75 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SEGATO, Rita Laura. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial.** E-cadernos ces, n. 18, 2012.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres.** Madri: Traficante de Sueños, 2016.

SILVA, Elizabeth Maria da. **Mulheres emancipai-vos!: um estudo sobre o pensamento pedagógico feminista de Nísia Floresta.** 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

SILVA, José Cláudio Ribeiro da. **Oiteiro: despertando o interesse pela literatura no ensino fundamental, através da escrita autobiográfica de Magdalena Antunes.** 2020. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

SILVA, Maria José Firmino da. **Experiências curriculantes e coautoria de si: compreensões poéticas dos discursos de estudantes do ensino médio de uma escola pública estadual de Tucano/BA / Maria José Firmino da Silva.** 2021. 186 f. : il. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2021.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **"Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas": Situando-nos enquanto mulheres e negras.** Cadernos Cedes, v. 19, p. 7-23, 1998.

SILVA, Raimunda Magalhães da et al. **Estudos Qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações.** Sobral: UVA, 2018.

SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX.** 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.

SILVEIRA, Pedro Netto; CURY, Davidson; DE MENEZES, Crediné. **Superando fronteiras da educação com ecossistemas de aprendizagem.** In: Brazilian Symposium on Computers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE). 2019. p. 209.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. **A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**. Revista Brasileira de História, v. 27, p. 281-300, 2007.

SOUZA, Natália Lopes de. **“Meu sentir e meu pensar não os compreende ninguém: porque também a ninguém os revelo”**: um olhar sobre os escritos autobiográficos de maria firmina dos reis. Anpuh-Brasil-30º Simpósio Nacional de História. Recife, 2019.

THOMPSON, Paul. **História oral: a voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 388, p. 229, 1992.

TILLY, Louise A.; YVON-DEYME, Brigitte; DEYME, Michel. **Genre, histoire des femmes et histoire sociale**. Genèses, n. 2, p. 148-167, 1990.

TONUS, Loraci Hofmann. **Do discurso enquanto constituinte da realidade**. Revista de Letras. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Curitiba, PR, n. 5, 2002.

TRINDADE, Maria de Nazaré Barreto. **Marias que contam histórias: a escrita da vida e as marcas de uma escrita negra em três autoras brasileiras**. RELACult-Revista Latino- Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 5, 2019.

TUCHAPESK, Michela. **O Movimento das tendências na relação escola-família matemática**. 2004. 262 f. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2004.

WUESNCH, A. **Acerca da Existência de Pensadoras no Brasil e na América Latina**. In: Problemata: Revista Internacional de Filosofia, No. Especial, 2015, pp.113-150

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista**. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br